



Jiawei Xing

**Estudo comparativo do silêncio na cultura ocidental
e oriental**



Jiawei Xing

Estudo comparativo do silêncio na cultura ocidental e oriental

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Isabel Cristina Saraiva de Assunção Rodrigues Salak, Professora Auxiliar do Departamento de Língua e Culturas da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus pais.

o júri

presidente

Professor Doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogais

Professora Doutora Dora Maria Nunes Gago
Professora Auxiliar da Universidade de Macau (arguente)

Professora Doutora Isabel Cristina Saraiva de Assunção Rodrigues Salak
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora).

agradecimentos

No final desta dissertação, não posso deixar de manifestar o meu profundo reconhecimento àqueles que me acompanharam neste percurso e que, de algum modo, me ajudaram a chegar a bom porto. Assim, desejo expressar a minha sincera gratidão:

- À Professora Doutora Isabel Cristina Rodrigues Salak, pela preciosa colaboração na concretização deste trabalho, pelos saberes transmitidos, pela orientação rigorosa e empenhada, pelo apoio permanente e pela dedicação demonstrada.
- Aos meus pais, pelo incentivo incondicional, ao longo de todo o meu percurso académico.
- Ao Carlos Almeida, pelo apoio e paciência constantes.

palavras-chave

silêncio, comunicação interpessoal, cultura chinesa, cultura portuguesa.

resumo

O presente trabalho propõe-se elaborar um estudo comparativo do silêncio na cultura ocidental e oriental, insistindo, para o efeito, na abordagem sociológica e comunicativa do silêncio nas culturas portuguesa e chinesa. É ainda objetivo deste trabalho compreender as razões que levam estas duas culturas a utilizar comunicativamente o silêncio de maneiras distintas e em diferentes situações contextuais.

keywords

silence, interpersonal communication, Chinese culture, Portuguese culture.

Abstract

The present work proposes to elaborate a comparative study of silence in western and eastern cultures, insisting, for this purpose, in the sociological and communicative approach of silence in the Portuguese and Chinese cultures. It is also an objective of this study to understand the reasons that cause these two cultures to use communicatively silence in different ways and in different contextual situations.

Índice

Introdução	3
1. O papel do silêncio na comunicação	7
1.1 O silêncio e a palavra.....	7
1.2 As formas do silêncio	10
1.3 O silêncio: as utilizações e os sentidos	14
1.4 Silêncio em culturas diferentes	20
2. Manifestações culturais do silêncio	25
2.1 O silêncio em contexto social	25
2.1.1 O sexo do silêncio	25
2.1.2. Silêncio e polidez	33
2.2 O silêncio em contexto familiar.....	43
2.2.1 As funções do silêncio.....	43
2.2.2 O silêncio e a criança	47
2.3 O Silêncio em contexto académico.....	53
2.3.1 O silêncio e a educação	53
2.3.2 O silêncio dos professores.....	56
2.3.3 O silêncio dos alunos.....	57
3. Hibridismo de comportamento	71
3.1 Alunos chineses em contexto europeu.....	71
Conclusão	81
Bibliografia.....	84
Anexos.....	88

Não podemos imaginar um mundo onde apenas existisse a palavra, mas não podemos imaginar um mundo onde só existisse silêncio.

Max Picard

É melhor ser rei do teu silêncio do que escravo das tuas palavras.

William Shakespeare

Introdução

O silêncio, sendo uma forma de comunicação não-verbal, por vezes é ignorado por interlocutores nas comunicações interpessoais. Geralmente as pessoas costumam prestar mais atenção à comunicação verbal, ignorando assim, de certo modo, a importância do silêncio na comunicação. De facto, o silêncio é um fenómeno complicado e desempenha um papel muito importante nas comunicações interpessoais. Muitas vezes o silêncio é considerado o contrário da fala, mas, na realidade, também funciona como um elemento comunicativo capaz de complementar a fala e é utilizado frequentemente como acompanhamento das palavras.

As pessoas, além de comunicarem com as palavras, também usam o silêncio para comunicar, quer ele seja intencional ou não intencional, tal como Samovar, Porter e Stefani concluem: «we must be careful not to assume that people are communicating only when they talk» (Samovar, Porter, Stefani, 1997: 172). Segundo os mesmos autores, Jonh Cage afirma que «There is no such thing as empty space or an empty time. There is always something to see, something to hear» (Apud *ibid.*: 172). Por outro lado, julgamos que é prevalente sublinhar que nem todos os silêncios comunicam, como afirma Saville-Troike: «a distinction should be made between the absence of sound when no communication is going on, and silence which is part of communication. Just as not all noise is part of 'communication', neither is all silence» (Saville-Troike, 1985: 4). Além de mais, o silêncio transporta significados diferentes e transmite mensagens entre os interlocutores, podendo até, por vezes, manifestar coisas que a palavra dificilmente pode exprimir. O silêncio por vezes beneficia a comunicação, outras vezes pode prejudicá-la, especialmente no contexto da comunicação intercultural, pois o silêncio pode causar mal-entendidos ou até conflitos nas comunicações interculturais entre as pessoas.

Desta forma, para além de procurarmos investigar, no nosso trabalho, o silêncio de uma perspetiva geral, analisando-o no âmbito teórico, procuraremos estudá-lo em contextos culturais diferentes, especialmente na cultura chinesa e na portuguesa.

Consideramos que é relevante estudar comparativamente o silêncio em culturas diferentes, já que, devido à sua complexidade e ambiguidade, ele transmite informações de forma diferente e é interpretado de maneira distinta nas diferentes culturas. Cada país tem a sua cultura própria e o seu povo exprime ideias e pensamentos que lhe são próprios, sendo que as diferenças culturais estão muitas vezes refletidas nas comunicações interculturais.

Quando povos provindos de diferentes países (ou continentes) se cruzam e comunicam, eles vão sendo confrontados com as suas diferenças tanto através da comunicação verbal que empreendem, como da comunicação não-verbal. A este respeito, Ting-Toomey sublinha que «Nonverbal messages serve multiple functions in intercultural interaction. While verbal messages convey content meaning, nonverbal messages carry strong identity and relational meaning» (Ting-Toomey, 1999: 114).

Sendo assim, o uso e a interpretação do silêncio variam de um povo para outro povo, de uma cultura para outra. O silêncio representa valores diferentes em contextos culturais diferentes, carregando implicações distintas e, para além disso, a atitude que cada povo adota sobre o silêncio dá origem a diferentes significados do mesmo.

Como é sabido, a cultura chinesa é muito distinta da cultura europeia e Portugal, sendo um dos países europeus, obviamente tem uma cultura bastante diferente da cultura chinesa. Deste modo, acreditamos que, nas comunicações interpessoais, o silêncio funciona de forma distinta nestas duas culturas e que essas diferenças podem ser refletidas em vários contextos específicos. Segundo Ting-Toomey, Hall (1976) considera que a interação humana é dividida de um modo geral em «low-context and high-context communication systems» (Ting-Toomey, 1999: 100). Para os povos que utilizam o modo de *low-context communication*, normalmente eles pretendem comunicar com mensagens verbais explícitas para expressar as opiniões e os pensamentos, no entanto, para os povos que costumam optar pelo modo de *high-context communication*, habitualmente eles não comunicam de uma maneira muito clara e direta, pelo que os ouvintes têm de ter a capacidade de inferir as mensagens escondidas atrás das mensagens verbais, ou as informações expressas pelas mensagens não-verbais.

Na China, como um dos exemplos típicos de *high-context communication*, manifesta-se a ideia de que a comunicação não-verbal (sobretudo o silêncio) deve valorizar-se mais. Ao mesmo tempo, Ting-Toomey menciona que Barnlund (1989) e Wiemann, Chen, e Giles (1986) apresentam nos seus estudos evidências empíricas de que o silêncio desempenha um papel significativo nas «high-context cultures», tais como a cultura chinesa, japonesa, coreana, entre outras (Ting-Toomey, 1999: 110).

Nas interações interpessoais, Crystal, citado por Samovar, Porter e Stefani, afirma que «Cross-cultural differences are common over when to talk and when to remain silent, or what a particular instance of silence means» e que «In the eastern tradition, the view of silence is much different from the Western view» (Apud Samovar, Porter, Stefani, 1997:172). Para além dos três autores, Adam Jaworski (1993) também admite que, nas culturas orientais, o silêncio é mais valorizado do que as palavras, porém, nas culturas ocidentais, às palavras é atribuído um maior valor.

Em vários estudos elaborados por chineses, os autores verificam que os chineses encontram no silêncio, de um modo geral, um significado positivo e que os ocidentais lhe atribuem uma atitude mais negativa. De facto, os orientais muitas vezes são vistos taciturnos, no entanto, como referem Samovar, Porter e Stefani, os orientais não se sentem desconfortáveis com a ausência das palavras ou as pausas nas conversas, pelo contrário, alguns orientais consideram que as palavras podem prejudica-los em certas situações, como comprova o ditado chinês: *Disease goes in by the mouth and trouble comes out of the mouth*. Quanto ao silêncio no olhar dos orientais e ocidentais, Jaworski salienta que os europeus e os americanos não têm muita tolerância com o silêncio que surge nas comunicações interpessoais, pois, apesar de admitirem a importância do silêncio, as palavras são preferidas nas conversas interpessoais. Como é óbvio, estas diferenças de interpretação e utilização do silêncio levam a comportamentos comunicativos diferentes dos orientais e ocidentais, influenciando o modo como pessoas lidam com os familiares, os colegas, os superiores, etc.

Além das diferenças, acreditamos que também existem algumas semelhanças no uso do silêncio nas culturas oriental e ocidental e pretendemos, assim, averiguar o silêncio nos contextos familiar, académico e social nas culturas chinesa e portuguesa, bem como as razões que fazem com que o silêncio seja utilizado e interpretado de forma diferente ou semelhante nestas duas culturas.

Deste modo, analisaremos primeiramente o silêncio de uma forma mais abrangente e, posteriormente, procuraremos comparar o silêncio nos diferentes contextos com base num inquérito elaborado por nós e preenchido tanto por portugueses como por chineses.

1. O papel do silêncio na comunicação

1.1 O silêncio e a palavra

O ato de comunicar nasce com o aparecimento do homem, resultando da necessidade de o ser humano exprimir as suas ideias, os seus pensamentos e sentimentos. E se as comunicações interpessoais e a língua que usamos para nos exprimirmos exigem palavras, a verdade é que os seres humanos comunicam não apenas através das palavras, mas também através de gestos, expressões faciais, olhares e silêncios. Segundo Steiner, tal como refere Isabel Cristina Rodrigues, «o século XVII torna-se num marco temporal que, assinalando o declínio da suposta capacidade da linguagem verbal para descrever a realidade de todos os fenómenos, assinala também a tendência futura para o recuo da palavra como possibilidade de comunicação» (Rodrigues, 2006: 42). Até aí a palavra era valorizada e estimada, era considerada como um instrumento que tinha capacidade para descrever a realidade e os fenómenos das ciências. Curiosamente, David Le Breton afirma que, «na comunicação, no sentido moderno do termo, já não há lugar para o silêncio, há uma coacção da palavra, de ser obrigado a falar, de dar testemunho, porque a “comunicação” é tida como a resolução de todas as dificuldades pessoais ou sociais» (Breton, 1999: 12).

De facto, nas comunicações interpessoais, o comportamento comunicativo é constituído por uma composição de linguagem verbal e não-verbal, de sons e silêncios. O silêncio, sendo uma das formas principais da linguagem não-verbal, muitas vezes não é considerado tão importante como a palavra e muitos autores, como David Le Breton e Eni Orlandi, destacam que «não existe palavra sem silêncio» (Breton, 1999: 17): o silêncio aparece nas palavras, sendo utilizado com muita frequência nas atividades comunicativas, tendo sobre elas uma influência que não é possível ignorar.

O silêncio é importante para ordenar a comunicação verbal e a sua heterogeneidade sublinha a importância de estudá-lo como uma disciplina ou um tema multidisciplinar; por exemplo, na antropologia estudam-se os comportamentos comunicativos dos povos, na sociologia investiga-se a voz silenciosa da mulher, na linguística discute-se a relação entre

a pausa no discurso e a palavra. No dia-a-dia dos homens, apesar de se falar pouco sobre o silêncio, não quer dizer que ele não surja na nossa vida cotidiana; o silêncio, de facto, desempenha um papel muito importante na nossa vida, assumindo-se como um verdadeiro signo comunicante. Eni Orlandi realça justamente a importância do silêncio, considerando que o silêncio surge em primeiro lugar e que as palavras só vêm depois, defendendo assim que o estado natural é o estado do silêncio e que a realidade das palavras corresponde ao estado secundário do comunicar.

De acordo com o pensamento de David Le Breton, a palavra e o silêncio misturam-se nas conversas, o silêncio e a palavra não são inimigos, ambos têm os seus próprios significados e as suas próprias funções na comunicação, pelo que a ligação mútua entre o silêncio e a palavra faz parte do discurso e é necessário afirmar essa ligação para um verdadeiro discurso poder existir. A palavra e o silêncio desempenham papéis diferentes: por um lado, as palavras são mais eficazes para resolver problemas em certas situações; por outro lado, o silêncio expressa sentimentos que as palavras não conseguem exprimir, ele pode prever mais significados do que aqueles que as palavras conseguem mostrar e, portanto, tanto o silêncio como a palavra são importantes nas conversas. No dizer de David Le Breton, «Cada palavra proferida tem a sua parte de ruído e a sua parte de silêncio» (Breton, 1999: 16) e o sentido da conversa pode não ser transmitido, ou ser mal transmitido pela palavra e valorizado pelo silêncio, ou vice-versa. O silêncio é o fio condutor que faz uma ligação entre as palavras e os interlocutores, até porque as pequenas pausas na conversa dão um espaço livre aos interlocutores, oferecendo-lhes algum tempo para refletirem sobre os assuntos que são objeto de interlocução, ajudando-os na compreensão mútua, dado que a mediação é importante, permite-nos encarar as situações com mais calma e isso pode levar a manifestações verbais mais bem ponderadas: «qualquer conversa é composta pelo encadeamento do silêncio e das palavras, da pausa e das frases, criando a respiração da troca, num vaivém sobre o fio do sentido entre pensamento difuso e assunto concreto» (Breton, 1999: 24)

De facto, tanto as palavras como o silêncio trazem consequências positivas e negativas, o silêncio tem o poder de mudar o percurso da conversa, tornando-a melhor ou pior. Por um lado, o silêncio pode dar-nos tempo para refletir melhor e evitar conflitos, já que, por vezes, é preferível submetermo-nos ao silêncio do que dizer barbaridades; por outro lado, o silêncio pode prejudicar-nos, porque nos sujeita a uma certa passividade e temos de ter consciência que mantermo-nos sempre em silêncio não é uma boa estratégia, como sugere David Le Breton: «calar em excesso ou envolver em demasiadas sombras aquilo que se diz também não é melhor conduta» (Breton, 1999: 73). Portanto, o que é importante é saber usar o silêncio, saber usá-lo como um instrumento comunicativo positivo, pelo que temos de conhecê-lo bem, saber como ele funciona e o que ele pode significar em diferentes contextos.

A importância do silêncio torna-se cada vez mais óbvia ao longo do tempo, David Le Breton confirma a necessidade da cooperação das palavras e do silêncio com a frase seguinte:

Cada palavra organiza o silêncio à sua maneira e dá um impulso próprio à troca. Da mesma forma, o silêncio organiza a palavra fornecendo-lhe um ângulo particular, não poderiam estar um sem o outro sem se perderem, sem romperem a ligeireza da linguagem. (Breton, 1999: 24)

Apesar de a palavra ser um instrumento poderoso para nos defendermos, ela por vezes também é demasiado poderosa que pode “matar” alguém, destruir amizades: a palavra pode ser de ouro e o silêncio ser de prata ou vice-versa. O silêncio possui um poder tão forte como o que a palavra possui e, por vezes, a palavra tem de recorrer ao silêncio para evitar causar qualquer tipo de destruição - «o homem deve encontrar uma medida justa entre o ouro do silêncio e a prata da palavra, porque um e outra são indissociáveis» (Breton, 1999: 73). Por um lado, temos de saber quebrar o silêncio de vez em quando e falar com os outros, por outro, é preciso ter cuidado com o que se diz e só devemos usar a

palavra quando estivermos convictos daquilo que vamos dizer. É como diz o provérbio árabe, «Não abras a boca a não ser que tenhas a certeza que o que vais dizer é mais belo do que o silêncio» (Breton, 1999: 70).

1.2 As formas do silêncio

Muitas vezes, como as pessoas não têm conhecimento suficiente sobre o silêncio, acham simplesmente que o silêncio é ficar calado, de facto, existem vários tipos de silêncio, e o silêncio pode ser apresentado de várias formas. Geralmente, distinguem-se três momentos do silêncio na conversação, sendo a pausa, a lacuna e o lapso. A pausa é o silêncio dentro de uma unidade, simbolizando uma interrupção, um exemplo para explicar esse tipo de pausa:

A: Podemos mesmo (Pausa) ir à praia?

Por outro lado, também existem pausas entre os interlocutores na conversação, por exemplo:

A: Queres ir ao cinema comigo?

(pausa)

B: Não sei, vou ver se tenho tempo.

A lacuna é o silêncio que ocorre entre unidades, e esse tipo de silêncio acontece entre as frases, como apresentado no seguinte exemplo:

A: “Ele tocou toda a noite. (lacuna) É difícil fazer parar um amador.” (lacuna)

B: “E tu, tocas algum instrumento?”

O lapso é também um silêncio que ocorre entre as unidades, mas o silêncio neste caso é particularmente extenso e pode ainda ocorrer quando a conversa se aproxima do fim, assinalando o desprendimento dos participantes.

Nas palavras de David Le Breton, na língua latina distinguem-se duas formas do silêncio, *tacere* e *silere*:

tacere é um verbo activo cujo sujeito é uma pessoa, assinala uma paragem ou uma ausência de palavra relacionada com alguém. *Silere* é um verbo intransitivo, não se aplica apenas às pessoas, mas também à natureza, aos objetos, aos animais, designa de preferência que não é perturbada por nenhum ruído. (Breton, 1999: 23)

Tacere significa calar ou silenciar e aplica-se aos seres humanos. Por exemplo, a censura, enquanto instrumento poderoso de certos regimes políticos, manifesta a ação de calar ou silenciar os povos, constituindo uma boa representação de *tacere*, pois a censura impede a livre circulação das palavras. *Silere* significa estar em silêncio, não se aplica necessariamente apenas às pessoas, mas também à natureza. No que diz respeito à relação entre o silêncio e calar, Augusto Ponzio exprime a sua opinião com as seguintes palavras:

La violación del silencio, por parte de un sonido, es mecánica y fisiológica (como condición de la percepción); en cambio la violación del callar, por parte de una palabra, es personal y dotada de sentido: es otro mundo diferente. En el silencio algo suena (o algo no suena), en el callar nadie habla (o alguien no habla). Callar es posible solamente en el mundo humano (y solo para el hombre). Naturalmente, tanto el silencio como el callar son siempre relativos. Las condiciones de la percepción del sonido, las condiciones del entendimiento-reconocimiento del signo, las condiciones del entendimiento productor de sentido de la palabra. (Ponzio, 1995: 35)

Augusto Ponzio salienta novamente no texto acima citado que o calar é uma ação exclusiva dos seres humanos. John Cage, com a composição da sua célebre peça 4'33", chama a atenção para os 4 minutos e 33 segundos em que todos os ouvintes se mantêm em silêncio a ouvir aquela música silenciosa formada pelo silêncio do compositor e dos intérpretes; na verdade, Cage veio afirmar que, enquanto função de *silere*, não existe o

grau zero de silêncio na natureza. O silêncio e o calar não são valores absolutos, são relativos, há momentos que têm mais silêncio, há outros momentos que têm menos silêncio, também há pessoas que se calam mais, e outras que se calam menos; ainda assim, quando as pessoas se calam, os corpos podem continuar a comunicar através do gesto.

Nas comunicações interpessoais, a forma do silêncio que encontramos mais frequentemente é a pausa, ela é considerada uma das formas principais do silêncio; na conversação, cada pessoa tem o seu estilo comunicativo e, para além disso, a personalidade de cada pessoa também é um aspeto decisivo na utilização do silêncio na comunicação. Por exemplo, as pessoas faladoras e extrovertidas podem ter menos pausas ou pausas mais curtas que as pessoas introvertidas e tímidas; normalmente, quem usa menos pausas tem uma participação mais ativa na conversa e, pelo contrário, as que são mais passivas usam mais vezes a pausa. Por outro lado, a duração das pausas pode causar efeitos diferentes em pessoas diferentes: por exemplo, as pausas longas podem transmitir a mensagem da falta de vontade ou interesse em falar e, opostamente, as pausas curtas dão menos tempo à outra pessoa envolvida na conversa para pensar e perceber o que acabou de ser dito. De facto, a utilização das pausas ou sua duração das pausas nas conversas interpessoais depende tanto de quem fala como de quem ouve.

De acordo com o pensamento de Adam Jaworski, na cultura ocidental as pessoas dão mais valor aos interlocutores que falam mais rapidamente, que usam menos pausas e que não deixam demasiado tempo para a alternância de vez entre os participantes (Cf. Jaworski, 1993: 14); na cultura oriental, especialmente na cultura chinesa, as pessoas são mais cautelosas no seu comportamento verbal: como o pensador chinês Confúcio disse, «o silêncio é um amigo verdadeiro que nunca trai» e isto mostra que o silêncio pode ser uma estratégia de defesa; por isso, a compreensão e preferência da utilização de pausa pode causar mal-entendidos entre os interlocutores.

Quanto ao silêncio na escrita, ele tem aparecido muitas vezes nas obras literárias, tanto nos romances como nos poemas. Saville-Troike menciona que os escritores também usam o silêncio, e provavelmente o silêncio na escrita tem desenvolvido mais na literatura japonesa:

Writing, too, has silence. This is perhaps most highly developed in Japanese literature with the use of the silence maker ‘....’ Hokari (1980) calculates that in *Kazetachinu* by Tatsuo Hori, ‘....’ is used 173 times in 103 pages; in *Kigadomei* by Kobo Abe, it is used as frequently as fifteen times per page. (Saville-Troike, 1985: 5).

Na literatura, um livro que narra tudo não é considerado um bom livro e António Lobo Antunes afirmou o seguinte, numa entrevista: «quanto mais silêncio houver num livro, melhor ele é. Porque nos permite escrever o livro melhor, como leitor.»¹ O bom autor não deve escrever tudo, tem de deixar os leitores pensarem e compreenderem, o leitor é que vai acabar de «escrever» o livro. Esse tipo de silêncio é usado pelos autores como uma estratégia de incentivar a curiosidade e exigir a reflexão dos leitores.

Geralmente, considera-se que o silêncio é apresentado como ausência do discurso, mas, no entanto, às vezes falar também pode ser uma forma de silêncio. Adam Jaworski chamou a atenção para o estudo de formas do silêncio como, por exemplo, a ausência do discurso e as palavras irrelevantes, sugerindo que temos de contar tanto com a ausência do discurso, que é o caso mais prototípico do silêncio, como com o caso menos prototípico, em que o silêncio surge através do débito excessivo de palavras: «The prototype theory allows then to account for different forms of silence associated not only with the lack of speech but also with its use» (Jaworski, 1993: 99). A título de exemplo, no início do filme *La Vida Secreta de Las Palabras*, de Isabel Coixet, o tipo de silêncio que Joseph adotou foi

¹ Citado em <http://alaptla.blogspot.pt/2004/11/acho-que-ja-podia-morrer.html>, consultado no dia 8 de janeiro de 2016.

o do excesso verbal, mas ele só falava de coisas insignificantes, usando esta estratégia para evitar falar das coisas de que devia falar, mantidas assim em silêncio através da verbalização de palavras sem importância. Na verdade, na vida quotidiana, muitas pessoas também utilizam esse tipo de silêncio nas conversações. Por exemplo, quando não querem responder a perguntas que outras pessoas lhes fazem, há pessoas que dizem que não querem responder, há quem não diga nada, e também há pessoas que mudam de assunto. Consideramos que mudar de assunto também é uma forma de silêncio, pois o ato de mudar do assunto corresponde a um tipo desvio da conversação. No capítulo seguinte, veremos que o povo chinês, comparado com o povo português, tem mais tendência para usar esta forma do silêncio nas comunicações interpessoais.

1.3 O silêncio: as utilizações e os sentidos

O silêncio tem várias faces, segundo a opinião de Adam Jaworski, que defende que «provavelmente o silêncio é a forma mais ambígua entre todas as formas linguísticas» (Jaworski, 1993: 24), tendo não só os seus impactos positivos, mas também alguns impactos negativos. Segundo a opinião de Jensen, citado por Jaworski, o silêncio une os interlocutores e separa-os, cura e também magoa, revela informações e esconde-as, demonstra a concordância e a discordância, indica uma ponderação profunda, mas também pode ser signo de uma inatividade mental (Apud Jaworski, 1993: 77).

Nas comunicações interpessoais, as palavras não são sempre suficientes para exprimir os sentimentos e muitas pessoas ficam em silêncio porque não conseguem encontrar as palavras certas para exprimirem os seus sentimentos, como sublinha o poema de Maria do Rosário Pedreira:

O meu amor não cabe num poema --- há coisas assim,
que não se rendem à geometria deste mundo;
são como corpos desencontrados da sua arquitectura
ou quartos que os gestos não preenchem

O meu amor é maior que as palavras; e daí inútil
a agitação dos dedos na intimidade do texto ---
a página não ilustra o zelo do farol que agasalha as baías
nem a candura da mão que protege a chama que estremece.

(...)

O meu amor anda por dentro do silêncio a formular loucuras
Com a nudez do teu nome --- é um fantasma que estrebucha
No dédalo das veias e sangra quando o encerram em metáforas
Um verso que o vestisse definharia sob a roupa
Como o esqueleto de uma palavra morta. Nenhum poema
Podia ser o chão da sua casa. (Pedreira, 2001:18)

O silêncio não fala, mas comunica e transmite mensagens e, por vezes, o discurso verbal é uma prisão que nos prende. Tannen comentou que «Silence is the extreme manifestation of indirectness. If indirectness is a matter of saying one thing and meaning another, silence can be a matter of saying nothing and meaning something» (Tanner, 1985: 97). O silêncio tem os seus sentidos, que valem em situações diferentes e em distintos contextos culturais, e estes sentidos podem ser positivos ou negativos. De acordo com o famoso ditado chinês, «cada coisa pode ser uma faca com dois gumes», quer dizer, cada coisa tem sempre as suas vantagens e desvantagens, apresentando aspetos positivos e também negativos. O silêncio é, pois, uma faca com dois gumes, tal como a rosa que, apesar de ser bonita, tem espinhos que podem picar e causar dor. A ambiguidade do silêncio decorre da sua dualidade, e de facto, o silêncio tem um poder ambíguo e prevê manifestações heterogéneas.

Relembramos as palavras de David Le Breton que exprimem a função do silêncio:

O silêncio diz aquilo que as palavras não seriam suficientes para traduzir, inscreve a emoção no período em que uma frase não teria salientado a importância. Marca e reserva de alguém que procura ainda uma decisão, embora noutras ocasiões seja também a sanção clara do aborrecimento. O silêncio adquire um significado que não pode ser concebido fora dos hábitos culturais da fala, fora do estatuto de participação de quem fala, fora das circunstâncias e do conteúdo da comunicação e da história pessoal dos indivíduos em presença. (Breton, 1999: 75)

O silêncio não tem um significado permanente, o sentido varia e depende das circunstâncias, dos participantes nas conversas e dos hábitos culturais. Como já referimos, numa mesma situação, o silêncio pode ser desvalorizado por um povo e valorizado por outro e, em situações diferentes, para uma mesma pessoa o silêncio também pode ter valores distintos. O silêncio pode ser tanto um elogio como uma crítica, tanto uma concordância como uma forma de dissidência, tanto um sinal de ignorância como um sinal de intimidade.

De modo geral, e fora do quadro da comunicação intercultural, de acordo com as circunstâncias, os conteúdos das conversas e o conhecimento que temos sobre a pessoa com quem falamos, conseguimos entender os significados dos silêncios que aparecem nas conversas.

No que diz respeito às utilizações e sentidos do silêncio, em primeiro lugar, o silêncio serve para refletir, como mostram os exemplos seguintes:

Exemplo 1:

A: Maria, eu e a Joana estamos a pensar em ir ao cinema este fim de semana, queres ir connosco?

B: (não respondeu imediatamente, passou um minuto) Acho que sim, não tenho trabalhos para fazer este fim de semana.

Neste caso, o silêncio que aparece nesta conversa é obviamente usado para refletir ou pensar num assunto, e normalmente nós vemos o resultado do pensamento depois da manifestação do silêncio. Aqui o sujeito B (a Maria) pensou primeiro se tinha tempo livre no fim de semana, depois aceitou o convite. Também por vezes quando encaramos perguntas difíceis, usamos o silêncio para refletir e para procurar informações e organizá-las, para procurar palavras e construir as frases antes de formular uma resposta. Porém, neste caso, ao depararmos com perguntas difíceis em contexto profissional, se demorarmos demasiado tempo a dar uma resposta, podemos dar uma má impressão a quem levanta a pergunta, mostrando-lhe um sinal de incapacidade ou receio.

Em segundo lugar, o silêncio é usado para expressar ideias, opiniões e sentimentos, dado que o silêncio pode ser usado tanto para dar a resposta afirmativa como para exprimir a negativa; frequentemente, quando pretendemos dar uma resposta que vai fazer os outros interlocutores da conversa ficarem insatisfeitos, antes de respondermos ficamos em silêncio, quer seja um silêncio longo, quer seja um silêncio curto, quer ele se manifeste conscientemente, quer surja inconscientemente:

Exemplo 2:

A: Podes emprestar-me a tua bicicleta na sexta?

B: (silêncio) Hmm... não sei, se calhar vou usar, depois digo-te algo.

Exemplo 3:

A: Filha, o professor disse-me que tinhas copiado o exame, é verdade?

B:

A: Não se deve fazer isso, não quero que isso aconteça mais vezes.

B: Desculpa, mãe.

Aqui encontramos, no exemplo 2, o silêncio que significa a falta de vontade de fazer alguma coisa e, no exemplo 3, pode significar uma admissão da culpa. Há quem diga que nem sempre as palavras são verdadeiras e, por vezes, o silêncio diz a verdade, expressa

sentimentos e pensamentos verdadeiros. Em relação a este aspeto, na cultura oriental, em muitas situações de comunicação social, as pessoas preferem manter-se em silêncio para não estragar as relações, não causar embaraço, dado que acham que é melhor exprimir as opiniões ou pensamentos através do silêncio do que através do falar direto, quando o que vão verbalizar tem possibilidade de prejudicar ou embaraçar os outros. Entretanto, outras vezes, o silêncio mostra respeito e amizade, sendo um elemento positivo em circunstâncias em que se exige respeito.

Em terceiro lugar, o silêncio também serve para mostrar a falta de vontade de falar. As pessoas ficam em silêncio por causa da insuficiência das palavras, mas, por outro lado, as pessoas ficam em silêncio também para não exprimirem os seus pensamentos e sentimentos e, esse aspeto é considerado um dos aspetos positivos do silêncio em algumas situações. Deborah Tannen julga que o silêncio pode ser positivo quando é usado para omitir, para não dizer coisas negativas. O silêncio é utilizado para manifestar a recusa e assim evita-se a verbalização de aspetos negativos, o que quer dizer que o silêncio pode converter-se numa estratégia para controlar as emoções negativas². Porém, essa recusa em falar também pode ser interpretada de forma negativa, porque por vezes as pessoas recusam-se a falar para mostrar impaciência, aborrecimento, insatisfação, etc. Tannen também lembra que o silêncio é considerado negativo quando é usado para omitir coisas positivas; por exemplo, se optarmos por ficar em silêncio quando nos pedem para exprimir ideias ou opiniões numa aula, o professor pode avaliar esse comportamento como falta de respeito pela autoridade ou imputá-lo a lacunas no conhecimento de certas matérias disciplinares; quando se trata de fazer um breve cumprimento em algumas situações oficiais ou especiais, o silêncio é uma demonstração de falta da educação. Para além disso, nos países orientais, também há pessoas que usam o silêncio para não emitir opiniões contrárias às opiniões dos outros, o que não é muito usado pelos americanos e pela maioria dos europeus.

² Veremos esse aspeto no capítulo seguinte, sendo um aspeto importante no contexto das relações familiares.

Por outro lado, o silêncio ajusta o ritmo das conversas, pois David Le Breton refere que «o silêncio é um modelador da comunicação, um pêndulo cujos movimentos permitem o encaminhamento tranquilo da palavra de um indivíduo para outro, quando existe acordo sobre o seu sentido» (Breton, 1999: 25). Com o silêncio, as conversas tornam-se mais fluentes e, segundo Adam Jaworski, Tyler defende que a ação do falar é dividida em dois componentes básicos: um é a parte dita, outro é a parte que não foi dita (Apud Jaworski, 1993: 44). Um bom comunicador tem que saber falar e ouvir, as pessoas que só falam ou só ouvem, de facto, não sabem comunicar, têm que saber manter a conversa num *continuum* comunicativo e também dar espaço para outros participantes da conversa falarem, é assim que se produz a alternância vocal dos interlocutores e que a pausa desempenha um papel significativo enquanto modelador do silêncio, sendo um signo marcante na fluência da conversa.

Por último, Adam Jaworski escreveu no seu livro *The Power of Silence* (1993) que, «if we know more about silence, we will know more about ourselves» (Jaworski, 1993: 25), o que mostra que o silêncio promove o autoconhecimento, sendo uma forma de autocontrolo ou autodomínio. Um dos inquiridos no nosso inquérito mencionado nos capítulos subsequentes afirmou que «o inquérito é como se fosse uma espécie de auto avaliação, ao responder ao inquérito, estou dando conta de que afinal faço cenas que têm a ver com silêncio, mas não tinha dado conta». De facto, muitas vezes nós ficamos em silêncio ou usamos o silêncio para comunicar com os outros de modo instintivo. A comunicação não se efetiva apenas através das palavras, pois os gestos, as expressões faciais, até um suspiro ou um olhar constituem formas diversas de comunicação. Às vezes, usamos o silêncio conscientemente, mas outras vezes nem reparamos que estamos a comunicar com os outros através do silêncio; quando conhecemos melhor o silêncio, percebemos como ele funciona muitas vezes nas conversas interpessoais e sabemos quais os significados que ele pode prever. Possivelmente, vamo-nos conhecer melhor e podemos até observar em nós algumas características comunicativas que nem sequer sabíamos que tínhamos.

1.4 Silêncio em culturas diferentes

Em diferentes contextos culturais, podemos encontrar uma série de características típicas de cada povo e de cada cultura, visto que povos diferentes têm diferentes comportamentos comunicativos. De uma forma geral, podemos considerar que há povos que têm tendência para falar menos do que outros e, ao longo do tempo, houve muitos autores que estudaram os hábitos comunicativos dos orientais e dos ocidentais e encontraram entre eles várias diferenças. Não duvidamos que existe uma diferença muito significativa entre os ocidentais e os orientais neste aspeto, porém, mesmo na própria Europa, encontramos uma diferença entre os europeus do norte e os do sul. Em geral, as pessoas do norte da Europa são consideradas mais caladas que as pessoas do sul da Europa e Maria Sifianou lembra que, «even within Europe, Mediterranean cultures show lower tolerance for silences than do Northern European cultures» (Sifianou, 1997: 74), pois cada cultura valoriza o silêncio de formas diferentes, dando-lhe importância diferente.

Jaakko Lehtonen e Kari Sajavaara escreveram um artigo, «The Silent Finn» (1985), em que estudam o silêncio dos finlandeses, considerando os dois autores que a forma como o povo se comporta está refletida nos provérbios ou ditados populares, dado que há vários provérbios finlandeses que defendem o valor social do silêncio, por exemplo «Listen a lot, speak little», ou «One word is enough to make a lot of trouble» (Lehtonen J., Sajavaara, 1985: 193). Os finlandeses têm tendência para não falar muito e a opinião geral da população é que as pessoas inteligentes mantêm-se em silêncio, porque se arrependem sempre das palavras ditas, mas não do seu silêncio.

Alguns anos depois, os mesmos autores publicaram um outro artigo, titulado *The Silent Finn Revisited* (1997), em que confirmam novamente que os finlandeses são considerados o povo menos falador na Europa: por um lado, as duas línguas oficiais isoladas dos finlandeses separam o povo finlandês de outros povos europeus e, por outro, os finlandeses são considerados por si próprios um povo incapaz de comunicar entre si e com os estrangeiros. Jaakko Lehtonen e Kari Sajavaara mencionam que a origem dessa tendência comunicativa dos finlandeses, em primeiro lugar, tem a ver com a situação

geográfica do país, situado na periferia norte da Europa, sendo para o efeito igualmente determinante o ambiente em que eles vivem desde pequenos e que se traduz num elemento importante para a formação das personalidades (Cf. Lehtonen J., Sajavaara, 1997: 264).

Pelo contrário, as pessoas do sul da Europa são consideradas mais animadas e faladoras, de acordo com Jaakko Lehtonen e Kari Sajavaara (1985), e os dados indicam que os finlandeses aceitam uma duração do silêncio muito mais longa do que os americanos ou as pessoas do centro da Europa, embora acreditemos que esse aspeto ainda seja mais evidente para os povos da zona mediterrânica. Por exemplo, os italianos são os representantes dos europeus do sul no que respeita a essa característica expansiva. Isto mesmo é sublinhado pelas palavras de George R. Saunders, que defendem que «Italians enjoy (or suffer from, depending on the point of view) a popular stereotype as emotional, expansive, noisy, 'warm' or 'hot' people» (Saunders, 1985: 165). Por seu turno, Jaakko Lehtonen e Kari Sajavaara (1997) lembram que os europeus do sul e do centro pretendem usar a linguagem verbal para trocar informações com os interlocutores, no entanto, os finlandeses tendem a desenvolver observações silenciosas para obter informações dos interlocutores. Notamos que tanto os finlandeses como os europeus do sul e do centro possuem as suas próprias estratégias de comunicação, que eles adotam de modo totalmente diferente, conforme a diferente valoração da linguagem verbal e do silêncio.

Por outro lado, Maria Sifianou salienta que, em certas situações, os povos de cada cultura determinam de maneiras diferentes os significados do silêncio em situações particulares (Sifianou, 1997: 74). Por exemplo, se um grupo de pessoas estiver a falar numa sala e se nele entrar um inglês, provavelmente ele vai entrar silenciosamente para não interromper a conversa, mas se entrar uma pessoa vinda de um país do sul da Europa, o mais normal é que esta pronuncie um "olá" global para todas as outras pessoas. Regra geral, os ingleses consideram que fazer esse cumprimento corresponde a um tipo de interrupção e logo também a uma falta de educação; porém, o comportamento silencioso do inglês vai ser interpretado como sinal de indiferença ou até de falta de educação pela maioria dos europeus do sul. Por isso, o silêncio pode ser interpretado como positivo numa

cultura e negativo numa outra cultura, sendo que até na Europa é fácil encontrar essas diferenças de interpretação do significado do silêncio. Ponderando com um olhar crítico e comparativo as culturas/sociedades ocidentais e orientais, podemos imaginar que as diferenças na interpretação do silêncio sejam ainda maiores.

Segundo Adam Jaworski, na cultura europeia e americana, as pessoas têm habitualmente um grau baixo de tolerância ao silêncio e o seu comportamento cultural salienta a linguagem verbal como o seu instrumento de comunicação preferencial, dando assim mais valor ao signo verbal do que ao silêncio. Neste contexto, quando os europeus e os americanos comunicam com outros povos que têm um grau alto de tolerância ao silêncio, estes últimos podem ser vistos como pouco cooperativos, sendo que, de modo geral, os orientais são considerados mais taciturnos e silenciosos do que os europeus e os americanos. De acordo com Maria Sifianou, nas muitas culturas asiáticas, as pessoas acreditam que o falar é desejável só quando há coisas para comunicar, no entanto, para os americanos e os europeus, mesmo que não haja nada para falar, o falar continua a ser desejável. (Cf. Sifianou, 1997: 74).

Na opinião de Tanner, referido por Jaworski (Apud Jaworski, 1993: 2), nas comunicações interpessoais, as pessoas podem ter estilos diferentes de conversa, isso quer dizer que, ao conversarem com alguém, as pessoas utilizam diferentes estratégias, mostrando atitudes diferentes e assinalando que essas estratégias de comunicação têm tanto suas vantagens como inconvenientes.

De um modo geral, os ocidentais são considerados mais diretos do que os orientais e ser direto pode evitar a manifestação da ambiguidade; no entanto, pode também causar alguns problemas ou conflitos entre os interlocutores. Quando as pessoas são indiretas, o silêncio é usado frequentemente e a pessoa que está a ouvir pode ter alguma dificuldade em compreender; porém, o silêncio tem o seu significado e, muitas vezes, as pessoas entendem-se à margem da fala, especialmente quando existe entre elas uma intimidade assinalável. No caso das comunicações entre os ocidentais e os orientais, o que tem acontecido mais é que, especialmente nas primeiras vezes que se encontram, as pessoas

ficam presas nas conversas por causa de uma má descodificação do silêncio usado por parte dos orientais, aspeto este coadjuvado pelo facto de muitos orientais não terem por hábito falar muito com desconhecidos.

Efetivamente, a participação ativa dos interlocutores numa conversa denuncia o interesse dos mesmos no intercâmbio comunicativo, mas em certas situações o silêncio pode ser considerado uma forma de respeito, de deferência. A atitude de respeito dos superiores é muito salientada na cultura chinesa e, até nas culturas dos outros países asiáticos, as pessoas consideram que ouvir mais e dizer menos corresponde a uma estratégia de lidar com os superiores, achando que quanto mais falam mais erram e que os mal-entendidos que surgem nas conversas podem contaminar a sua relação com os seus superiores. O que acontece frequentemente aos chineses e não aos europeus do sul, neste caso aos portugueses, é que, mesmo quando os chineses têm opiniões diferentes das dos seus superiores, às vezes não dizem nada, por acharem que, em certas situações, dizer alguma coisa contrária ao que os superiores pensam ou dizem é uma forma de afronta; porém, os portugueses entendem dever exprimir mais vezes as suas opiniões, porque ouvir e ser bom ouvinte é tão importante como falar e exprimir ideias e pensamentos.

Quando analisamos o silêncio no contexto de diferentes culturas, observamos que o silêncio pode causar conflitos e mal-entendidos entre povos diferentes, cujas culturas são totalmente distintas. Cada cultura dá um certo valor ao silêncio e as pessoas de culturas diferentes têm uma diferente compreensão e avaliação do silêncio. Quando as pessoas não têm a capacidade de compreender o contexto cultural em causa, não conseguem entender o significado do silêncio, logo o conflito e o mal-entendido são passíveis de suceder, o que pode igualmente promover o desenvolvimento do estereótipo de um povo acerca do outro povo.

Pittenger, Hockett e Danehy escreveram que «it only takes one person to produce speech, but it requires the cooperation of all to produce silence» (Jarwoski, 1993: 18), o que quer dizer que a descodificação do silêncio exige a cooperação comunicativa dos interlocutores: uma pessoa produz silêncio e outra pessoa tem de saber compreender o seu

significado; se algo tiver falhado durante esse processo, pode surgir um mal-entendido, bastante frequente nas comunicações interculturais.

Assim, é notório o facto de, nas comunicações interpessoais de alcance heterocultural, a utilização do silêncio causar mais frequentemente mal-entendidos do que nas comunicações desenvolvidas em contexto homocultural. Como já referimos anteriormente, as pessoas com hábitos culturais diferentes não conseguem entender muito bem os significados do silêncio dos outros povos, razão pela qual, no capítulo seguinte da nossa dissertação, faremos uma análise comparativa da representatividade do silêncio na comunicação interpessoal dos portugueses, enquanto representantes dos europeus do sul, e dos chineses, enquanto representantes da cultura oriental.

2. Manifestações culturais do silêncio

2.1 O silêncio em contexto social

2.1.1 O sexo do silêncio

De um modo geral, existe desigualdade entre os homens e as mulheres em termos de poder social e esta assimetria do poder social entre o masculino e o feminino está refletida nas comunicações interpessoais. Habitualmente, os homens possuem um lugar dominante nas conversações com as mulheres e as mulheres ocupam uma posição de fala inferior à dos homens. Segundo Bessie Dendrinós e Emília Ribeiro Pedro, nas sociedades, os grupos sociais dominantes manifestam o seu poder, enquanto os grupos sociais subordinados demonstram a sua fraqueza (Dendrinós e Pedro, 1997: 216). As relações de poder determinam a divisão social e nela os homens e as mulheres ocupam posições sociais diferentes, pelo que podemos afirmar que a distribuição do poder social pelos homens e pelas mulheres é divergente. Segundo Yakun Feng, Zhengguo Kang explica, no seu livro *O Feminismo e A Literatura* (1994), que o silêncio denuncia a posição das mulheres nas sociedades patriarcais, nas quais os homens dominavam as mulheres, que não tinham o direito de falar, e, durante muito tempo, elas eram-lhes subordinadas e não podiam exprimir as suas opiniões à vontade, reduzindo-se, assim, ao silêncio. (Apud Feng, 2012: 15).

As mulheres, desde as sociedades mais antigas, sempre foram marginalizadas, não possuindo voz própria, nem direito a opinião própria. Afirmamos esse facto através das palavras de Jaworski: «Silence has been a prescribed state for women for centuries» (Jaworski, 1993: 119). Além do mais, o autor lembra que muitos autores consideram que, quer seja individualmente, quer seja em grupo, as mulheres eram sujeitas ao silêncio de muitos modos. Dendrinós e Pedro também mencionam o facto de as mulheres serem historicamente impedidas de falar em público e de ter acesso à educação. Em Portugal, na época do Estado Novo, as mulheres eram submissas aos maridos e o marido era o chefe da família e os direitos das mulheres eram exercidos pelo chefe da família; o divórcio era

proibido, as mulheres casadas não tinham direito de voto, nem possibilidade de exercer um cargo político. A China, por seu turno, tem uma história muito longa de predomínio da cultura patriarcal: na antiga sociedade chinesa, em quase todas as famílias, os filhos eram preferidos, recebendo maior importância da família, e as filhas eram ignoradas, especialmente nas famílias pobres, sendo consideradas uma carga para a família. Podemos dizer que, antes do século XX, os homens eram considerados superiores às mulheres e estas não usufruíam dos mesmos direitos que os homens. Com a fundação da República da China em 1912 e da República Popular da China em 1949, as mulheres começaram a ter cada vez mais direitos, até hoje em dia.

Verificamos, assim, que a posição social das mulheres determina a sua atitude relativamente passiva na comunicação. A este propósito, Breton lembra-nos que «Os homens têm tendência, sem darem por isso, a desempenhar um papel determinante no curso da conversa, tomando mais facilmente a palavra... interrompendo mais facilmente uma mulher no uso da palavra do que um homem» (Breton, 1999: 30). Corroborando esta ideia, Jaworski afirma que é de esperar que as mulheres se mantenham em silêncio, o que corresponde à posição inferior destas em relação aos homens. Bessie Dendrinós e Emília Ribeiro Pedro sublinharam a importância de alguns estudos sobre o género - por exemplo, o artigo titulado *The effects of sex of subject and sex of partner on interruptions* (1987), de Kathryn Dindia; *A new look at interruptions* (1983), de Kennedy e Camden; *Experimental studies of dyadic turn-taking behavior* (1989), de Derek Roger. Segundo Dendrinós e Pedro, todos esses autores partilham a mesma ideia de que «as mulheres são frequentemente interrompidas pelos homens nas conversações entre mulheres e homens» (Dendrinós e Pedro, 1997: 218).

O resultado de um estudo feito por Zimmerman e West (1975) coloca em evidência a veracidade deste argumento: os dois investigadores analisaram conversas de três grupos de pessoas, com cada grupo composto por dez pares, e esses três grupos consistem em, respetivamente, dez pares de mulheres sozinhas, dez pares de homens sozinhos e dez pares de casais, sendo todos eles brancos. Os resultados registados mostram que, nos duos

masculinos e nos duos femininos, apareceram sete interrupções e vinte e duas sobreposições no total, sendo que a distribuição das interrupções e sobreposições é praticamente dividida de forma igual entre os dois ou as duas participantes dos grupos.³ No entanto, nas conversas de casais, registaram 48 interrupções e 9 sobreposições, e quase todas foram feitas pelos homens, pois segundo os dados, 98% das interrupções e 100% das sobreposições foram feitas pelo elemento masculino do casal (Zimmerman e West, 1975:115).

Zimmerman e West afirmam que a interrupção, a sobreposição e a resposta breve e adiada (delayed “minimal response”) do elemento masculino podiam causar o silêncio feito pelo elemento feminino, pois nas conversas de casais 62% das mulheres ficaram em silêncio quando os homens reproduziram os três tipos de comportamentos comunicativos acima mencionados. Opostamente, nas conversas de mulheres sozinhas e homens sozinhos, poucas vezes apareceu o silêncio quando um ou uma participante fizeram uma interrupção, deram aso a uma sobreposição ou deram uma resposta breve e adiada. Os dois investigadores chegaram à conclusão que «It is immediately evident that each female in the cross-sex segments exhibits the most silence, where for same-sex conversations, the distribution of silence is more nearly equal» (Zimmerman e West, 1975:118).

No que diz respeito à diferença no comportamento comunicativo oral dos homens e das mulheres, consideramos que quer seja na China, quer seja em Portugal, os homens têm tendência a ter um lugar dominante nas conversas, e as mulheres desempenham melhor o papel de ouvinte, guardando preferencialmente o silêncio. Num artigo titulado *As diferenças do género na linguagem e a comunicação do género misto*⁴, publicado na *China*

³ Zimmerman e West dividiram as duas pessoas de cada par, nos grupos de mesmo género, segundo a ordem da fala, designando-os de primeiro falador e segundo falador. As interrupções feitas pelos primeiros faladores foram 3 e as feitas pelos segundos faladores foram 4; as percentagens foram 43% e 57%, respetivamente; as sobreposições feitas pelos primeiros faladores foram 12, ao passo que as feitas pelos segundos foram 10, as percentagens foram 55% e 45%.

⁴ O título do artigo em Chinês é 《语言性别差异与跨性别交际》.

*Academic Journals Full-text Database*⁵, o autor refere que «Tanto na cultura oriental como na cultura ocidental, na maioria parte das histórias, os homens simbolizam o poder predominante das sociedades, e as mulheres desempenham sempre o papel de uma figura subordinada e submissa»⁶ (Yang, 2009: 7). Noutro artigo da mesma fonte, o autor Junlin Tian afirma que geralmente as pessoas têm ideia de que as mulheres são mais faladoras do que os homens, mas, em relação a este aspeto, Breton defende o seguinte:

Curiosamente, a mulher costuma estar associada à tagarelice, aos ditos insignificantes, embora a permissão de falar lhe seja restringida, por vezes mesmo interdita. (...) De forma perturbadora, numerosas referências tradicionais insistem sobre o aspecto palrador das mulheres, sobre a insignificância dos assuntos que tratam, sobre o seu abuso de linguagem (Breton, 1999: 32-33).

De facto, ambos os autores acima identificados verificaram que em muitas situações de comunicação em sociedade, especialmente nas conversas entre os homens e as mulheres, os homens falam geralmente mais do que as mulheres, e «a mulher permite-se falar menos e fica mais vezes constringida ao silêncio» (*ibidem*, 1999: 31).

Assim, podemos dizer que há uma certa semelhança entre o sexo do silêncio na cultura oriental e na ocidental e verificamos que essa semelhança se encontra até refletida na literatura, dado que o silêncio das mulheres, constituindo uma questão sociológica, é também uma questão literária. Julgamos que tanto na literatura asiática (particularmente na chinesa) como na literatura europeia (em particular na portuguesa), os escritores têm discutido o silêncio das mulheres, já que, como foi referido anteriormente, o silêncio das mulheres existe em muitas sociedades, inclusive em muitos países denominados

⁵ *China Academic Journals Full-text Database* é a maior base de dados de jornais chineses com textos completos e atualizados continuamente no mundo.

⁶ Traduzido de chinês para português. O texto original é: «无论是在东方文化, 还是在西方文化中, 在大部分的历史时期, 男性都是社会的主宰力量, 而女性一直扮演着从属及受支配地位的角色。»

“desenvolvidos”, em que as mulheres não tinham voz própria, não tendo igualmente direito a uma opinião própria.

A este título, julgamos pertinente mencionar aqui um conto de um escritor chinês que reflete sobre o silêncio das mulheres na antiga sociedade chinesa. O seu autor, Xun Lu, é considerado o pai da literatura moderna na China e, no seu conto *The New Year's Sacrifice*⁷, narra uma história de uma mulher criada no campo, oprimida e sobrecarregada pela ideologia feudal da antiga sociedade chinesa,⁸ tendo vivido uma vida cheia de sofrimento; esta mulher passou assim, silenciosamente, toda a sua vida, embora tenha tentado lutar por libertar-se do jugo do casamento arranjado, mas a verdade é que não conseguiu, tendo, assim, acabado por aceitar a vida que tinha e que podia ter. As pessoas chamavam-lhe Sister Xianglin⁹ e ela vivia sempre para as outras pessoas; depois de morrer o primeiro marido, conseguiu ser acolhida por uma família rica e foi empregada dessa família, mas depois foi raptada pela sogra, que a vendeu a um outro homem. Tiveram um filho, mas o segundo marido e o filho também morreram, tendo ela depois acabado por morrer também.¹⁰

Encontramos neste conto a expressão do silêncio na estrutura do conto, até porque o autor raramente exprime o silêncio no conteúdo, na fábula, mas antes na estrutura. Por um lado, as experiências de vida de Xianglin são contadas por um narrador masculino e o facto de o sujeito (eu) narrar todas as suas histórias fá-la perder a sua identidade e a sua autodeterminação. A sua história é contada pelo narrador e as suas palavras são ditas por ele, portanto, ela é silenciada por esse narrador masculino, sendo que, em todo o conto não encontramos nenhum monólogo interior onde possamos ouvir a sua voz. A sua morte aconteceu logo no início do conto e, no dia anterior, ela tinha perguntado ao sujeito narrador se nós ainda tínhamos alma depois de morrer, frase essa que foi a mais significativa proferida por ela ao longo do conto. Após a sua morte, o sujeito masculino

⁷ O nome em chinês é 《祝福》(Zhufu), o que literalmente significa felicitação, mas neste caso quer dizer uma cerimónia especial e importante que se faz no fim do ano na terra natal do autor.

⁸ A sociedade feudal chinesa começa no ano de 222 a.c. e acaba no ano de 1912 d.c.

⁹ Sister (em chinês, 嫂 sao) indica mulher casada, sendo uma maneira mais polida ou educada de se tratar mulheres casadas.

¹⁰ O autor não diz como ela morreu.

veio lembrar as experiências penosas dela e também o seu silêncio: ela mal falava, as pessoas perguntavam-lhe coisas e ela não dizia quase nada, ninguém sabia o que ela pensava e a sua voz era quase completamente apagada no conto. De outro ponto de vista, ela também foi silenciada pela sociedade, porque, quando o filho morreu, ela finalmente começou a falar do drama do filho aos vizinhos, dizia-lhes como ele tinha morrido, repetindo-o todos os dias, mas, com o passar do tempo, as pessoas já não se importavam com a tristeza e o sofrimento da sua vida, não queriam saber de nada do que ela andava a repetir todos os dias, e que provavelmente desejavam até o seu silêncio, assim pelo menos as pessoas podiam sentir piedade dela.

O escritor denuncia assim o silêncio oprimido das mulheres sob o sistema feudal na antiga sociedade chinesa e, por um lado, Xun Lu mostra a sua piedade por essas mulheres, mas, por outro, não poupa críticas à atitude passiva dessas mesmas mulheres, que não sabiam lutar pelos seus direitos e se sentiam paralisadas com tudo aquilo que sofriam, aceitando o sofrimento como uma inevitabilidade, como se fosse uma fatalidade para elas, pois a verdade é que a aceitação abnegada do sofrimento é já uma prova do seu silêncio.

Em relação a esta questão do silenciamento do feminino na literatura portuguesa, podemos referir dois contos de Maria Judite de Carvalho: «A menina Arminda» e «As Palavras Pougadas». Em «A Menina Arminda», o silêncio de três mulheres (a menina Arminda, a criada velha e a mãe) foi necessário para exprimir a solidão e a melancolia da protagonista, a menina Arminda, cuja vida foi arruinada pela violação de que foi alvo, às mãos de um homem desconhecido. As outras mulheres «gostavam de se visitar, falavam das doenças dos filhos, das vidas das outras, das que não estavam presentes» (Carvalho, 1988: 83), mas a menina Arminda não é assim, ela não é igual a essas mulheres, «estava sempre metida em casa», «sem visitar ninguém, fechando praticamente a todos a sua porta» (*ibidem*: 83-84). Depois de morrer a mãe, Arminda vive com a criada velha, que «era calada como o tronco ressequido da árvore com que se parecia» (*ibidem*: 84). A rasura verbal existente entre ela e a criada salienta o ambiente silencioso que percorre todo o conto: «os olhares silenciosos da criada faziam corar Arminda. Compreendiam-se bem

uma à outra. Havia trinta e oito anos que viviam juntas, como não haviam de se compreender? Embora pouco falasse, a velha sabia muitas coisas» (*ibidem*: 89). O silêncio pode dizer mais que mil palavras e estas duas personagens não falam, mas comunicam e esta é uma comunicação silenciosa provocada pela solidão e pelo drama da vida de Arminda. Por outro lado, Maria Judite de Carvalho exprime bem o silêncio através da ausência da voz e da palavra: a mãe, ao ver o que a filha estava a sofrer, «chorava também, em silêncio, sem coragem mesmo para a tomar nos braços, receosa de a ferir ainda mais com qualquer palavra menos hábil» (*ibidem*: 86), pois as palavras por vezes magoam as pessoas e, neste contexto, a mãe ficava em silêncio porque receava magoar ainda mais a filha se dissesse algo de mais inoportuno; de facto, o ato de ficar em silêncio acentuou ainda mais a melancolia e o sofrimento de Arminda.

Em «As palavras poupadas», a mesma autora mostra-nos novamente a infinita solidão feminina. As mulheres juditianas são condenadas a um mundo de isolamento e, logo no início do conto, o narrador menciona o desejo de Graça de não lidar com o resto do mundo:

Sempre que entra num táxi (é preciso que seja um táxi, não um automóvel qualquer; um automóvel qualquer tem sempre uma pessoa a guiá-lo, que fala, a quem é preciso ouvir e responder; um táxi não, o motorista não existe, não se vê, pelo menos não tem cara, não passa de uns ombros, de uma simples nuca), sempre que entra num táxi tem aquela sensação entre agradável e angustiosa de partir sem destino, levada nas estranhas de qualquer animal desconhecido. (Carvalho, 1961: 11)

O isolamento propositado também é uma forma de silêncio e Graça fecha-se em si mesma, não quer ter contacto com o mundo, nem laços com a realidade; além do mais, o pai é indiferente e calado e o marido, que a compreende totalmente, poupa-lhe as palavras, levando-a a ficar ainda mais fechada e isolada.

Compreendia tudo e conhecia-a tão bem que ela se sentia às vezes perturbada. Como agora. Ele olhava-a. Estendia-lhe as mãos por cima da mesa, e Graça via-lhe no rosto os pensamentos do momento. Pensava, claro, que ela só agora tinha podido falar, partilhar com alguém o desgosto que durante horas guardara dentro de si, só seu. (*ibidem*: 26)

Na realidade, os escritores, quer sejam chineses, quer sejam portugueses, chamam a atenção para a questão do silêncio das mulheres, as quais têm mais tendência para permanecer em silêncio nos vários tipos de comunicação em sociedade e interpessoal, aspeto este que justifica plenamente o estudo daquilo a que chamámos o sexo do silêncio.

Na verdade, embora a cultura ocidental e oriental partilhem uma certa convergência no que diz respeito ao silêncio das mulheres, conseguimos identificar entre ambas culturas algumas diferenças na realidade desse fenómeno social, pelo menos em certos contextos. Por exemplo, no domínio da política, em Portugal, é atualmente comum as mulheres candidatarem-se a altos quadros do governo do país e, em 1979, Maria de Lourdes Pintasilgo foi indigitada pelo presidente da República para chefiar o V Governo Constitucional, tornando-se a primeira mulher a assumir o cargo de primeiro-ministro do governo em Portugal. Anos mais tarde, foi também candidata na corrida presidencial de 1986, a qual acabou por ser ganha por Mário Soares. Maria de Belém e Marisa Matias foram candidatas às presidenciais de 2016, tendo ficado no quarto e no terceiro lugar respetivamente. Para além disso, atualmente há duas mulheres que lideram dois partidos políticos em Portugal, sendo estas Catarina Martins, do Bloco de Esquerda, e Assunção Cristas, do CDS-PP. O que este facto significa, entre outras coisas, é que os cidadãos têm consciência de que é preciso deixar as mulheres falar e serem ouvidas. No entanto, na China houve uma única imperatriz na história do país, entre o ano de 690 e o ano de 705. Na história mais recente, já houve algumas mulheres que assumiram cargos de destaque no país depois da fundação da República Popular da China, tais como Qingling Song, que foi nomeada como Vice-Presidente da República Popular da China em 1949, recebendo o

título honorário de “Presidente Honorária” nos últimos dias da sua vida. Apesar deste facto, temos de admitir que a situação da participação política das mulheres na China ainda terá que melhorar, pois há poucas mulheres que estão no núcleo da liderança do país. De qualquer modo, não podemos negar que na China as mulheres têm sido aos poucos resgatadas do seu silêncio ancestral - desde 1949, houve quatro mulheres que foram vice-primeiras-ministras e a quarta ainda está a desempenhar essa função. Contudo, em comparação com Portugal, as mulheres chinesas têm relativamente menos igualdade e liberdade em termos da participação na vida política. Nós sabemos que tanto o silêncio como a política são formas de poder e, por isso, quando as mulheres obtiverem mais poder no domínio da política, elas poderão combater melhor o silêncio a que, até então, tenham estado votadas. E porque o silêncio também pode ser uma estratégia política, um instrumento de poder, quantas mais mulheres entrarem no sistema político do núcleo da liderança do país, mais bem defendidos passam a ser os direitos femininos.

2.1.2. Silêncio e polidez

Existem milhões de fenómenos diferentes no Universo e, por vezes, nós não damos pelas relações entre uma coisa e outra apesar de, na realidade, elas estarem intimamente ligadas. O silêncio é um fenómeno complexo, porque está muitas vezes relacionado com outros fenómenos de diferentes áreas. Consequentemente, Maria Sifianou afirma que a relação entre polidez e silêncio tem sido raramente considerada e discutida (Sifianou, 1997: 65), referindo dois estudos considerados como os mais extensivos e influentes sobre esta questão: um deles é da autoria de Geoffrey Leech e o outro de Penelope Brown e Stephen Levinson; de qualquer modo, embora esses dois estudos analisem uma série de questões relacionadas com a cortesia, os autores deram pouca atenção à sua relação com o silêncio.

Quanto a nós, consideramos que estudar a relação entre polidez e silêncio é um elemento muito significativo na comparação dos fenómenos comunicativos do silêncio na cultura ocidental e oriental, sendo que, como nós já referimos anteriormente, em muitas

culturas ocidentais o silêncio tem uma conotação mais negativa do que positiva, um pouco ao invés do que sucede na cultura chinesa, onde a codificação social e interpessoal da cortesia adquiriu uma importância bastante elevada: «Se não aprenderes as regras da decência, o teu caráter não pode ser definido»¹¹ (Confúcio, 2009: 266). Com base nas palavras de Confúcio, podemos verificar que a cultura chinesa valoriza a polidez e que, para os chineses, aprender as regras da decência e saber ser uma pessoa educada é um passo que não pode faltar num ser humano. Quando os chineses lidam com outras pessoas, quer sejam compatriotas, quer sejam estrangeiros, tentam portar-se de uma maneira decente para manter uma boa relação com eles e é isso que os faz ficar em silêncio em certas situações, mostrando assim a sua polidez. Dessa forma é possível identificarmos uma relação relativamente visível entre a polidez e o silêncio nas comunicações interpessoais dos chineses.

Neste capítulo, tencionamos investigar se o silêncio é uma forma de cortesia para a população chinesa e portuguesa, embora não seja nosso intento indagar as diferenças de manifestação da polidez na cultura ocidental e oriental. O que nós pretendemos é verificar até que ponto o silêncio é utilizado (ou não) no comportamento comunicativo de ocidentais e orientais enquanto signo da sua cortesia. Para além disso, como estes dois povos atribuem valores diferentes à importância da polidez e ao silêncio, tentaremos descobrir se os chineses e os portugueses se comportam de maneira diferente na comunicação, em virtude de eventuais diferenças de interpretação do valor da polidez.

Maria Sifianou, num artigo onde discute a relação do silêncio com a polidez, explora essa questão com base em dois estudos sobre a polidez que já tínhamos referido no início desse subcapítulo, especialmente o de Brown e Levinson. Geralmente, fazer interrupções nas conversas é considerado muitas vezes e em várias situações uma forma de impolidez. Por outro lado, Leech afirma que manter o silêncio quando não se deve ficar calado também mostra impolidez. Segundo Maria Sifianou, na opinião de Leech, em algumas sociedades, os povos não conseguem tolerar bem as pausas longas e a presença frequente

¹¹ As palavras originais em chinês são: 《不学礼，无以立》 e a tradução para inglês é a seguinte: «If you do not learn the rules of Propriety, your character cannot be established».

do silêncio nas comunicações interpessoais; assim, procuram evitar o silêncio e mantendo sempre aberto o circuito da fala, uma vez que o silêncio não é uma prática comunicativa desejada nas interações e deve ser evitado de uma forma ou de outra (Cf. Sifianou, 1997: 65): «Leech views silence as rather undesirable, mostly impolite behaviour which should be avoided ... In sharp contrast, Brown and Levinson (1987 [1978]) regarded silence as the ultimate expression of politeness, although they offer no discussion of it.» (Sifianou, 1997: 79).

De facto, o silêncio pode transmitir tanto um sinal de polidez como de impolidez e, por vezes, o nosso comportamento comunicativo não é sequer polido nem descortês, pelo que os dois argumentos distintos mencionados no artigo de Maria Sifianou em relação à importância da polidez levam-nos a questionar o que poderá revelar o silêncio na sociedade chinesa e portuguesa, no que diz respeito à manifestação da polidez e da impolidez em diferentes situações comunicativas. É necessário sublinhar que, em sociedades diferentes, como são estas, a avaliação da maior ou menor cortesia de alguém só poderá medir-se de acordo com os valores que os povos atribuem a comportamentos concretos como a verbalização da fala ou a sua abstinência.

Antes de aprofundarmos esta comparação, entendemos que é oportuno referir de forma breve a definição de polidez para os chineses. No seguimento da filosofia de Confúcio, que como foi já sublinhado confere um valor bastante elevado à cortesia, Guoming Chen e Jensen Chung reafirmam essa ideia no artigo *The “Five Asian Dragons”*: *Management Behaviors and Organizational Communications*, com as seguintes frases: «The Confucian principles of Yi (righteousness) and Li (propriety) dictate that individuals must follow a proper way and a proper ritual in a social interaction» (Chen e Chung: 1999: 303). Contudo, o valor de decência aqui mencionado em chinês corresponde ao carácter “礼” (Li) e, na era de Confúcio, o carácter indicava sobretudo as regras para se manterem relações sociais hierárquicas; contudo, com o passar do tempo, as palavras vão evoluindo e, hoje em dia, usamos a palavra “礼貌”(Li mao), que é derivada do carácter Li, para designar o mesmo significado da palavra “polidez”. Segundo o autor Yueguo Gu, para

explicar a palavra “Li mao” (equivalente à polidez), há quatro noções fundamentais que nos ajudam a compreender a conceção da palavra do ponto de vista comum dos chineses: respeito, modéstia, cordialidade e refinamento.

É importante, a este título, chamar a atenção para a definição de “*face*”: muitas vezes o silêncio é uma estratégia utilizada pelos chineses para não levarem os outros a perder a “*face*”, considerando que quando causamos a perda da “*face*” de alguém, podem surgir conflitos a seguir, e as relações interpessoais podem ressentir-se. Samovar, Porter e Stefani sublinham, a este respeito, que «in Chinese families, children learn the social skills necessary for group harmony, family togetherness, interdependence in relationships, respect for their place in the line of generations, and saving face» (Samovar, Porter e Stefani, 1997: 110). De acordo com Sifianou, Brown e Levinson, “*face*” é a imagem de si próprio que cada pessoa quer manter na cabeça do outro, distinguindo-se “*face*” positiva de “*face*” negativa. A positiva indica o desejo de ser apreciado e aprovado pelos outros e a negativa indica o desejo de ter liberdade e não ter obrigação imposta pelos outros (Cf. Sifianou, 1997: 66). Embora essa definição de “*face*” tenha sido criticada por alguns autores, tais como Leech (2005), Matsumoto (1988), Ide (1989) e Mao (1994), dado que os autores acham que a definição de Brown e Levinson sobre “*face*” se concentra demasiado no individual, ignorando a importância da identidade social na cultura oriental, admitimos que muitas vezes os chineses se calam para evitar a perda da “*face*” dos outros. Segundo Helen Spencer-Oatey, «Face is closely related to a person’s sense of identity or self-concept: self as an individual (individual identity), self as a group member (group or collective identity), self in relationship with others (relationship identity)» (Spencer-Oatey, 2008: 14). As pessoas geralmente pretendem que os outros notem as suas qualidades positivas e não as negativas e por vezes fazemos os outros perder a “*face*” quando os criticamos, quando discordamos deles ou quando rejeitamos algo que fazem ou dizem, etc.

Para confirmar as diferenças entre os comportamentos comunicativos interpessoais dos portugueses e dos chineses, elaborámos um inquérito a chineses na China e a portugueses em Portugal, sendo que uma grande parte dos inquiridos são alunos

universitários e alguns são jovens que já estão a trabalhar, todos com idade compreendida entre os 15 e 50 anos. Designámos o grupo dos chineses na China como o grupo A e o grupo dos portugueses em Portugal como o grupo B,¹² ambos compostos por 30 pessoas. O inquérito contém 13 perguntas e duas perguntas abertas e organiza-se do seguinte modo: as perguntas 1, 2, 3 e 4 procuram analisar a relação entre o silêncio e a polidez; a pergunta 5 tenta compreender a função do silêncio enquanto forma de controle das emoções negativas em certas situações difíceis; as perguntas 7, 8, 9 têm como objetivo analisar o silêncio das crianças, comparando o silêncio das crianças em Portugal e na China; as perguntas 9 e 10 visam analisar o comportamento dos alunos portugueses e chineses em contexto académico e a pergunta 11 procura analisar o comportamento misto dos chineses em Portugal. Por fim, as perguntas 12, 13 e as duas perguntas abertas têm como objetivo viabilizar a análise das opiniões dos portugueses e dos chineses em relação ao silêncio e à fala. Neste capítulo, vamos apresentar as primeiras quatro perguntas onde poderemos compreender a relação entre o silêncio e a cortesia a partir das respostas dadas às quatro perguntas que fizemos.

Pergunta 1: Quando alguém lhe faz um pedido, e não consegue ajudar, o que faz?

Tabela 1. Resultados da pergunta 1.

Respostas /Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B
A. rejeito diretamente	4 (13.33%)	11 (36.67%)
B. não respondo imediatamente, penso um pouco e procuro responder de maneira mais indireta	26 (86.67%)	19 (63.33%)

Os resultados registados mostram que em ambos os grupos a maioria opta pela opção B, mas mesmo assim a quantidade de portugueses que opta pela opção A é mais do dobro

¹² Ainda fizemos o inquérito com os chineses que estudam em Portugal há mais de dois anos, sendo esse grupo de pessoas o grupo C, mas só analisaremos os resultados do grupo C no terceiro capítulo, devido à organização estrutural do nosso trabalho.

da quantidade de chineses que opta por essa opção, tal como podemos observar pela interpretação dos resultados listados na Tabela 1. Assim, impõe-se que nos coloquemos as questões seguintes: é sinal de pouca educação rejeitar um pedido diretamente? Por que razão procuram os inquiridos ser mais indiretos, refugiando-se no silêncio antes de responder? As pessoas que escolhem a opção A são consideradas mais diretas, sendo muito comum na comunidade chinesa as pessoas fazerem o que está indicado na opção B: antes de rejeitarem alguém, costumam ocorrer pausas na interação interlocutiva dos falantes e, quando os chineses pretendem rejeitar alguém, normalmente não dizem não nem dizem sim, proferindo frases como “não sei, se calhar preciso de ir...” ou “não tenho certeza, consegues arranjar outra pessoa para fazer isso?”. Na verdade, na cultura chinesa estas respostas são já, provavelmente, uma forma de negação. Por um lado, é provável que os chineses tenham vergonha de dizer não; por outro lado, preocupam-se com o hipotético facto de, ao dizerem “não” diretamente, poderem vir a perturbar a sua relação com o interlocutor, fazendo-o ficar atrapalhado, insatisfeito ou fazendo-o perder a “face”. No entanto, numa mesma situação, os portugueses têm mais tendência para pedir desculpa, explicando que não conseguem ajudar e, para eles, isso não indica impolidez desde que não se exprimam de maneira grosseira.

Além do mais, Gu explica-nos que a rejeição de um convite ou de um pedido muitas vezes está associada à questão de “*face*” e da polidez e, e para os chineses, a preferência por uma resposta indireta é frequentemente motivada pela polidez. Saber como rejeitar algo de forma apropriada é uma forma de revelar cortesia que não causa a perda da “*face*”:

Issuing and accepting an invitation place both the inviter's and the invitee's face at risk. For an inviter to issue an invitation is to present his positive face to the invitee for his approval (in Chinese folklore, the inviter requests the invitee to *shǎngliǎn* or *gěimiànzǐ*, both meaning 'give face', but the invitee can in theory refuse to accept the inviter's invitation, thus making the latter *diulian* (LT: lose face). (Gu, 1990: 255)

Pergunta 2. Quando está a falar com alguém e não quer responder à pergunta que esse alguém lhe fez, o que faz?

Tabela 2. Resultados da pergunta 2.

Respostas /Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B
A. Digo que não quero responder	5 (16.67%)	15 (50%)
B. não digo nada	7 (23.33%)	6 (20%)
C. mudo do assunto	18 (60%)	9 (30%)

A Tabela 2 mostra-nos resultados bastante diferentes para os dois grupos: a maioria dos chineses escolheu a opção C de (“mudar do assunto”) e, ao contrário, a maior parte dos portugueses escolheu opção A (“digo que não quero responder”). O que é necessário sublinhar antes de analisarmos os resultados é que, tanto a opção B, de não dizer nada, como a opção C, de mudar do assunto, indicam uma ação elaborada a partir do silêncio - mudar de assunto também é uma estratégia de silêncio, pois esta ação já transmite a mensagem de que o interlocutor não quer responder à pessoa que fez a pergunta, mas ela não é tão direta como dizer simplesmente “não” e os chineses normalmente não optam por dizer diretamente que não querem fazer alguma coisa a pessoas de quem não são muito íntimas, porque isso pode revelar grosseria e descortesia, e até mesmo deixar as outras pessoas embaraçadas. No entanto, nós não podemos afirmar que os portugueses que afirmaram não querer responder são impolidos, porque há que ter em conta a cultura de cada país para avaliar qualquer ato concreto. Para os portugueses, uma resposta como esta, por um lado, exprime bem as suas opiniões e, de facto, a comunicação torna-se mais eficaz, como sugere Vladimir Žegarac: «the more an expression is conventionalized as a marker of indirectness, the less weakly communicated the message will be» (Žegarac, 2008: 63). Por outro lado, os ocidentais dão geralmente mais valor à identidade individual

e, quando eles dizem "não" às coisas que não querem, isso mostra a sua liberdade e individualismo; pelo contrário, os chineses dão mais valor à identidade coletiva e têm uma conceção diferente de polidez e respeito. De facto, eles valorizam mais a sua posição na sociedade, a sua posição em relação aos outros, evitando mostrar despeito pelos outros, pois valorizam de um outro modo a ideia de respeito mais valorizada que os portugueses, o que podemos confirmar nos dados expressos nas respostas às outras duas perguntas.

Pergunta 3. Quando está a falar com alguém e essa pessoa não respondeu à sua pergunta, o que sente?

Tabela 3. Resultados da pergunta 3.

Respostas /Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B
A. Não sei o que pensar	3 (10%)	13 (43.33%)
B. fico triste	3 (10%)	3 (10%)
C. acho uma falta de respeito	19 (63.33%)	10 (33.33%)
D. não me importo/ não me interessa	5 (16.67%)	4 (13.33%)

Como nós podemos ver na Tabela 3, muitos inquiridos chineses caracterizam como uma falta de respeito o facto de alguém não lhes responder a uma pergunta e, no grupo B, uma parte dos portugueses partilha a opinião dos chineses, mas mais pessoas portuguesas escolheram a opção de “não sei o que pensar”. Assim, parece-nos que, numa conversa interpessoal, para os portugueses, o silêncio pode causar confusão e gerar mesmo a não compreensão entre os interlocutores, mas não é expressão nem de cortesia, nem de impolidez. Na cultura chinesa, especialmente na cultura tradicional, salienta-se o respeito entre as pessoas, sendo este mesmo respeito por vezes expresso pela fala ou pelo silêncio. De acordo com os resultados da pergunta 2 (que apresentámos atrás) e os resultados da pergunta 4 (que vamos apresentar a seguir), os chineses também mantêm o silêncio como

forma de evidenciar respeito em certas situações. Portanto, chegamos novamente à conclusão que o silêncio tem como característica o facto de se mostrar ambíguo, criando uma relação triangular entre os conceitos de polidez e respeito, que varia de acordo com a situação; estes elementos podem ser opostos uns aos outros, tal como nos casos em que o silêncio pode indicar despeito e impolidez, mas estes três elementos podem ser igualmente sinónimos, como veremos pelas respostas dada à pergunta 4.

Pergunta 4. Quando tem opiniões diferentes de pessoas superiores (os pais, patrões, etc), o que faz?

Tabela 4. Resultados da pergunta 4.¹³

Opções \ Respostas / Percentagem	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A. expresso as minhas opiniões e discuto com eles	12 (40%)	24 (80%)	20 (66.67%)
B. prefiro ouvir e falar pouco ou nada	18 (60%)	6 (20%)	10 (33.33%)

Demonstrando os resultados das respostas à pergunta 4 que 60% dos inquiridos do grupo A preferem ouvir mais e dizer menos ou até não dizer nada quando têm opiniões diferentes dos seus superiores, pelo contrário, 80% dos inquiridos do grupo B sentem a necessidade de exprimir as suas opiniões, discutindo muitas vezes com os superiores. De acordo com as opiniões dos chineses, em primeiro lugar, eles acham que quando nós dissermos algo contra os superiores, em certas situações somos vistos como impolidos, manifestando falta de respeito pelos superiores. Normalmente, numa fase inicial da sua vida social ou laboral, considera-se que as pessoas devem ouvir mais, falar menos e fazer mais, porque saber ouvir é uma boa virtude e revela respeito e cortesia; seguidamente, as

¹³ Os resultados apresentados do grupo C aqui na Tabela 4 não são preciosos para a análise do silêncio neste capítulo, mas são necessários para a investigação do capítulo 3 desta dissertação, apresentamos já aqui os resultados do grupo C para evitar apresentar novamente a mesma tabela no capítulo 3.

peessoas que defendem o silêncio consideram que quanto mais se fala, mais se perde, dado que por vezes uma palavra ou uma frase podem deitar tudo a perder, podendo, por exemplo, causar insucesso nos negócios.

Por fim, alguns inquiridos chineses também partilham a ideia de que ouvir mais e falar menos é um sinal de que se é modesto e a modéstia é considerada uma parte importante da polidez na cultura chinesa. Leech afirma também que, na cultura japonesa, exprimir diretamente a opinião pode ser visto como uma ofensa em relação aos superiores e pode constituir uma ação impolida o facto de se exprimir uma ideia diferente da dos superiores. Na sociedade chinesa também acontece isso, apesar das diferenças entre a cultura chinesa e a japonesa. Na cultura ocidental, é positivo as pessoas fazerem perguntas e exprimirem as suas opiniões depois de um discurso (Leech, 2005: 17) e, por isso, segundo a opinião dos portugueses, embora seja preciso fazer silêncio em certas situações, é importante saber dar a sua opinião quando se torna necessário: quando não concordam com o que os outros dizem, devem ter a possibilidade de falar e de defender aquilo em que acreditam, pois se todos não exprimirem as suas opiniões, acabam por se isolar do mundo. Além do mais, segundo as experiências dos estudantes chineses em Portugal, incluindo a minha, muitas vezes os portugueses, quando não estão de acordo com outras pessoas ou quando alguém faz algo mal feito, optam por verbalizar as suas opiniões diretamente; ao contrário, os chineses pensam sempre mais do que os portugueses e tentam muitas vezes resolver os problemas de maneira mais indireta.

Assim, verificamos que os chineses permanecem em silêncio de vez em quando para mostrar a sua polidez e para não fazerem os outros perder a “*face*”, no entanto, nas mesmas situações e de um modo geral, os portugueses comportam-se de maneira oposta, não considerando uma falta de respeito e de polidez a expressão da sua opinião, pois os dois povos interpretam o sentido da cortesia de maneiras diferentes.

2.2 O silêncio em contexto familiar

2.2.1 As funções do silêncio

No primeiro capítulo desta dissertação, analisámos os sentidos e as possíveis utilizações do silêncio enquanto fenómeno comunicativo, precisando o significado que ele transmite consoante os contextos em que se manifesta. Pensamos, neste momento, que é oportuno analisar as suas funções em contexto familiar, porque o sentido do silêncio pode ser apreendido de forma diferente em contextos diferentes, e muitas vezes em contexto familiar os interlocutores manifestam uma relação mais íntima, sendo que a intimidade da relação interpessoal diferencia as funções do silêncio. Neste capítulo, vamos refletir sobre as funções do silêncio em contexto familiar, com particular enfoque para o silêncio do casal, sem nos preocuparmos em localizar as suas manifestações em qualquer cultura específica, pois propomos que, a este nível, existem manifestações semelhantes das funções do silêncio tanto na cultura ocidental como oriental.

De um certo ponto de vista, o silêncio entre os familiares, sobretudo entre os dois elementos de casal, por vezes manifesta intimidade, apresentando o bom estado do relacionamento, pois as pessoas com um elevado grau de intimidade podem comunicar através do silêncio e a sua comunicação não se perturba com a existência deste último, tal como o escritor português António Lobo Antunes recorda:

Há momentos e situações em que o olhar comunica mais que as palavras, isso também é intimidade. Creio que sou capaz de dizer muitas coisas sem falar, é o outro que também tem de compreender e de saber interpretar. Quando se estabelece essa relação de intimidade e de amizade, não é necessário falar. (...) Frequentemente é melhor não o fazer porque as palavras estão muito gastas.¹⁴

¹⁴ Citado em <http://www.citador.pt/frases/ha-momentos-e-situacoes-em-que-o-olhar-comunica-m-antonio-lobo-antunes-20121>, consultado no dia 15 de fevereiro de 2016.

Acreditamos que, a partir do momento em que conhecemos uma pessoa, especialmente em contexto familiar, certas expressões faciais ou corporais são suficientes para se estabelecer uma comunicação através do silêncio e, às vezes, não é sequer preciso comunicar através das palavras: a comunicação através do silêncio é possível, porque os interlocutores conhecem-se bem uns aos outros e basta um gesto, ou um olhar, para se entenderem. Portanto sermos capazes de estar em silêncio com alguém e não nos sentirmos constrangidos é um sinal de que temos uma boa relação com essa pessoa e não é preciso estarmos sempre a falar para nos ouvirmos e compreendermos. Esta situação acontece muitas vezes nos casais e sublinha o facto de o silêncio tender a ser valorizado de forma positiva quando as pessoas são mais íntimas. Veja-se, a título de exemplo, o modo como o silêncio é usado por este casal representado numa crónica de António Lobo Antunes, «Nós dois aqui a ouvir cair a chuva»:

Ficamos sentados nos lugares do costume, fazes crochet na cadeira de baloiço, finjo que leio o jornal no sofá, um silêncio muito grande entre nós e, com um bocado de sorte, a chuva lá fora. Ao ouvirmos cair a chuva sobes os olhos do crochet

- Dás pela chuva, Henrique?

Subo os olhos do jornal a acenar que sim, e ficamos a contemplar a janela onde as gotinhas escorregam, aclaradas de viés pelas lâmpadas do passeio. Pelo menos falámos. Pelo menos disseste

- Dás pela chuva, Henrique?

pelo menos acenei que sim do jornal, pelo menos, por um momento, estivemos acompanhados.

Somos pessoas discretas, incapazes de exageros, de conversas, de emoções inúteis. Julgo que foi isso que nos uniu, a timidez e a ausência de lágrimas. Ainda bem. Acho que ainda bem para nós. Casámos há trinta e sete anos e nunca discutimos. Para quê? E depois existem momentos assim, a seguir ao

jantar, em que principia a chover e nós aqui dentro, em paz, quase felizes.

(Antunes, 2002: 22-23)

Um cenário de um casal sentado a ouvir a chuva está imediatamente representado à nossa frente, os dois estão sentados sem uma troca de palavras, pois ambos são pessoas taciturnas, mas o silêncio não parece incomodá-los; eles não falam, mas comunicam, e a comunicação entre eles é implícita vista de fora e explícita no interior dos muitos anos de casamento. Eles não se sentem constrangidos por causa do silêncio. Ao longo de trinta e sete anos, a intimidade dos dois foi-se construindo e fortalecendo e, assim, o silêncio torna-se comunicativo, desempenhando um papel positivo:

Perguntar-me-ás

- Dás pela chuva, Henrique?

acenarei que sim, e durante um momento somos dois, e durante um momento, palavra, podia escrever em nome de ambos eliminando o quase, que nos sentimos felizes. (ibid.: 23)

Por outro lado, tal como nós já mencionamos no primeiro capítulo, o silêncio não tem apenas um lado positivo, ele também pode causar problemas, embaraços entre os familiares, denunciando a existência de uma relação difícil, ou à beira de romper-se, e em certas situações os familiares usam o silêncio para se defenderem, instaurando aquilo a que nós chamamos de “*Cold War*”, sendo que esta é uma estratégia usada frequentemente por certos casais quando têm discussões, mal-entendidos, etc. Apesar de eles, às vezes, também comunicarem através do gesto (manifestando, por exemplo, a frustração ou o aborrecimento através de certas expressões faciais ou de olhares irritantes), neste caso, embora o silêncio continue a ter uma função da comunicação, torna-se um instrumento negativo. Quando o silêncio aparece continuamente nos casais como o elemento negativo

do comunicar, ele pode indicar a existência de uma falha na relação e o desinteresse dos dois elementos do casal.

A este propósito, George R. Saunders exprime o facto de o silêncio poder ser utilizado para controlar as emoções negativas no contexto familiar. Por seu turno, o autor considera que as mais profundas emoções são engendradas no contexto familiar e que a gestão das emoções é essencial para as interações familiares (Cf. Saunders, 1985: 176). O silêncio, neste contexto, pode ser uma estratégia para gerir situações intensas, ajudando os familiares a controlar as emoções eventualmente negativas: «it may at times also allow the passive expression of discontentment without the dangers of a direct challenge» (ibid.: 181).

Para aprofundar mais um pouco esta questão, como já referimos anteriormente, realizámos um inquérito, cujas perguntas 5, 6, 7 e 8 são apresentadas de seguida, para tentar compreender o funcionamento comunicativo do silêncio em contexto familiar baseando-nos nas respostas dadas a essas perguntas. Atentemos na pergunta 5 e nas respetivas respostas:

Pergunta 5: Em algumas situações difíceis, especialmente em relação ao relacionamento familiar, acha que o silêncio é uma estratégia para gerir as situações e controlar as emoções negativas?

Tabela 5. Resultados da pergunta 5.

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B
A. sim	4 (13.33%)	6 (20%)
B. não	7 (23.33%)	4 (13.33%)
C. na maioria das situações sim	9 (30%)	13 (43.33%)
D. por vezes não	10 (33.33%)	7 (23.33%)

De acordo com as respostas que obtivemos, em algumas situações difíceis, especialmente no que toca ao relacionamento familiar, entre os 30 inquiridos chineses (do grupo A), a maioria das opiniões dividem-se entre a opção C (na maioria das situações sim) e a opção D (por vezes não); no grupo B, os inquiridos portugueses também partilham da mesma ideia dos chineses em relação a essa questão. Portanto, estes resultados afirmaram novamente a ideia que Saunders já tinha avançado e assim concluímos que, na perspetiva dos chineses e dos portugueses, apesar de a comunicação verbal ser importante, quando as pessoas com uma relação íntima estão zangadas umas com as outras, seria melhor por vezes ficarem em silêncio, de modo a evitarem magoar os outros. Saunders confirma que as pessoas julgam que o relacionamento familiar é frágil e pode ser destruído (Cf. *ibid.*: 176), pois, quando as pessoas são mais íntimas, a mágoa pode ser mais dolorosa.

2.2.2 O silêncio e a criança

Nós sabemos que, entre os membros de uma família, não são apenas os adultos que comunicam através do silêncio, o silêncio aparece também nas comunicações entre os adultos e as crianças e, por vezes, consideramos que é mesmo mais difícil analisar e compreender o silêncio entre os adultos e as crianças. As palavras tornam-se necessárias em certas situações, pois, segundo Adam Jaworski, é mais difícil para as crianças saberem interpretar e compreender o silêncio, pelo que, em alguns casos, a abstenção do falar pode causar-lhes frustração e confusão (Cf. Jaworski, 1993: 26).

Como é óbvio, as crianças têm sempre curiosidade sobre muitas coisas quando ainda são pequenas, mas os pais podem não ter sempre a paciência para lhes responder e explicar e, quando as crianças se mostram insistentes com as suas perguntas, os pais por vezes ficam calados, tentando usar o silêncio para as calar. Se isso acontecer muitas vezes numa família, pode existir a possibilidade de as crianças se sentirem cada vez menos incentivadas a falar com os pais, cuja consequência é má para a educação das crianças. Elas muitas vezes precisam de uma comunicação direta e clara para compreenderem o

pensamento e o sentimento dos outros, pois ainda são muito novas e não têm a capacidade para adivinhar o que os outros pensam, não conseguem entender bem o silêncio.

Muriel Saville-Troike, ao analisar a questão da aquisição da competência comunicativa, menciona o facto de quase todos os estudos sobre o desenvolvimento da língua nas crianças apontarem para a necessidade de elas aprenderem a falar, mas também a não falar: as crianças têm de aprender a abster-se de falar em certos momentos, pois saber não falar também é parte essencial da sua competência comunicativa. Adam Jaworski referiu, no entanto, que poucos estudos se concentram na questão do desenvolvimento da capacidade das crianças para interpretar e produzir silêncios. Entretanto, Saville-Troike afirma que, relativamente a esta questão, há que ter em atenção a diferença de culturas, pois se, por um lado, os pais educam os filhos de formas diferentes, os vários povos conferem igualmente um valor diferente ao sucesso individual e à iniciativa (Cf. Saville-Troike, 1985: 11), o que pode suscitar diferenças entre as crianças ocidentais e orientais. A este propósito, Saville-Troike explica que «In general, it appears that children talk more when they are being enculturated into societies which place a high value on individual achievement (e.g. Britain and America), and less when family and group achievement is more valued (e.g. Chinese and Japanese)» (Saville-Troike, 1985: 11). De facto, cultura e família estão associadas, até porque a família é o primeiro lugar onde as crianças são introduzidas no seu meio cultural.

Neste sentido, Samovar, Porter e Stefani salientam mesmo a importância da família e da cultura no desenvolvimento do indivíduo, afirmando que «as diferentes culturas criam as diferentes famílias» (Samovar, Porter e Stefani, 1997: 106). Quanto à análise das diferenças em termos da fala e de silêncio das crianças chinesas e portuguesas, em primeiro lugar, salientamos as diferentes formas de educação dos pais nesses dois países. No caso dos chineses (e dos japoneses também), os pais ensinam os filhos que estes têm de respeitar os mais velhos, pois os chineses dizem “长者恒为师” (zhang zhe heng wei shi), o que significa que os mais velhos são sempre professores dos mais novos, mostrando uma relação de superioridade e inferioridade entre os pais e os filhos, apesar de na realidade não

ser sempre assim. Nas sociedades asiáticas, os pais ou os mais velhos possuem um lugar relativamente dominante na família, no entanto, nas sociedades ocidentais, os pais tendem a manter uma relação um pouco mais igual com os seus filhos. Em relação à forma de educação, na China os pais costumam tomar decisões e opções pelos seus filhos quando eles ainda são novos, existindo até pais que decidem quase tudo o que é importante para os filhos, mesmo quando estes já chegaram à idade adulta; pelo contrário, os portugueses, tal como o resto dos ocidentais, concedem mais autonomia, espaço e liberdade aos seus filhos, deixam-nos encarar e tentar resolver os seus próprios problemas mais cedo. Stella Ting-Toomey, ao analisar a questão da dimensão do valor organizacional nas interculturais, confirma a validade do nosso argumento, ao sugerir a ideia de *The Uncertainty Avoidance Dimension*, (Ting-Toomey, 1999: 71), considerando que «Uncertainty avoidance refers to the extent to which the members of a culture feel threatened by uncertain and unknown situations and the extent to which they try to avoid these situations» (ibid.: 71). Na opinião da autora, em famílias onde se produza uma «weak uncertainty avoidance» (ibid.: 71), as regras para guiar o comportamento dos filhos são mais informais e as crianças têm mais liberdade para explorar os seus próprios valores morais; no entanto, em famílias onde impera uma «strong uncertainty avoidance» (ibid.: 72), os membros têm tendência para preferir regras mais formais e os papéis da família são claramente estabelecidos, sendo esperado que as regras da família sejam cumpridas à risca. Simultaneamente, verificamos, a partir dos exemplos que Ting-Toomy apresentou, que a cultura chinesa é um dos exemplos de «strong uncertainty avoidance cultures» (ibid.: 72), e a cultura portuguesa é um dos exemplos de «weak uncertainty avoidance cultures» (ibid.: 72).

Em segundo lugar, a política de “filho único”¹⁵ da China também é um elemento que também concorre para o facto de as crianças chinesas serem habitualmente mais silenciosas do que as crianças portuguesas, pois, por causa dessa política, muitas famílias só têm um filho único ou uma filha única. Como todos os pais do mundo, os pais chineses querem que a sua única criança tenha sucesso, uma vida feliz no seu futuro e, como eles

¹⁵ Essa política foi anulada no final de 2015 e, a partir do dia 1 de janeiro de 2016, todas as famílias podem ter dois filhos.

apenas têm uma criança, colocam todas as esperanças em cima dela, pelo que surgem geralmente dois tipos de pais. O primeiro tipo de pais é aquele que educa os filhos rigorosamente, obriga-os a aprenderem coisas que eles próprios acham necessárias, convence-os a fazer opções que eles não querem ou de que não gostam, mas que eles próprios consideram favoráveis para o futuro dos filhos. Ora, quando as crianças são criadas num ambiente como este, ao longo do tempo eles vão começando a ter medo ou receio de dizer o que pensam e querem verdadeiramente e muitas vezes ficam em silêncio para mostrar que não querem fazer algo, tornando-se mais obedientes do que as crianças nascidas em famílias ocidentais; noutros casos, porém, eles tornam-se muito desobedientes em virtude da pressão dos pais. O outro tipo de pais é aquele que satisfaz todas as necessidades dos filhos, dá-lhes coisas muito boas e uma vida bastante confortável. Conclusivamente, a primeira forma da educação priva a liberdade dos filhos, a segunda impede a independência dos filhos. Segundo Wang (1977), citado por Saville-Troike,

In order to keep the children from saying or doing something disapproved of by the authorities, Asian parents teach them to be obedient and to honor their families. Everything is arranged and decided for them. They are not given any choices; therefore, they do not have to make choices and justify their actions verbally. Silence is praised, and talkativeness is scolded. They are taught not to express their feelings. (Apud, Saville-Troike, 1985: 11-12)

Novamente, as respostas dadas ao nosso inquérito ajudam-nos a precisar a questão do silêncio das crianças (dos filhos) em contexto familiar na China e em Portugal, revelando um comportamento diferente dos filhos perante os seus pais:

Pergunta 6. Quando os filhos não estão interessados ou fartos do que os pais falam, o que fazem?

Tabela 6. Resultados da pergunta 6.

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B
A. dizem aos pais que não querem ouvir	13 (43.33%)	15 (50%)
B. não dizem nem ouvem nada	17 (56.67%)	15 (50%)

A partir dos resultados listados na tabela, não encontramos uma diferença muito significativa entre os chineses e os portugueses: metade dos inquiridos portugueses escolheram A e outra metade escolheu B; e no grupo A, há apenas mais 4 pessoas que escolheram a resposta B. No entanto, acreditamos que uma criança criada de acordo com a norma de que é necessário respeitar os mais velhos provavelmente não dirá “não” aos pais quando não estiver interessada em alguma coisa, a não ser que essa criança tenha sido sempre desobediente ou esteja numa época em que se encontra mais agitada. Se os filhos escolherem “não dizer nem ouvir”, isso já indica a ação do silêncio, pois não manifestam o desejo de não querer.

Pergunta 7: Quando os filhos têm problemas com os pais, o que fazem?

Tabela 7. Resultados da pergunta 7.¹⁶

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A. discutem com os pais	7 (23.33%)	17 (56.67%)	21 (70%)
B. vão-se embora	6 (20%)	2 (6.67%)	2 (6.67%)
C. não dizem nada, deixam os pais falar	17 (56.67%)	11 (36.67)	7 (23.33%)

¹⁶ Os resultados apresentados do grupo C aqui na Tabela 7 não são preciosos para a análise do silêncio neste capítulo, mas são necessário para a investigação do capítulo 3 desta dissertação, apresentamos já aqui os resultados para depois evitar apresentar novamente a mesma tabela no capítulo 3.

Analisando os resultados da Pergunta 7, notamos uma maior diferença, sendo que na situação em que os filhos têm problemas com os pais, 56.67% dos inquiridos portugueses tendem a discutir com os pais, pelo contrário só há 23.33% dos inquiridos chineses que optam por fazer o mesmo, e 56.67% deles não dizem nada, deixam os pais falar. Isso demonstra a falta da comunicação entre os pais e os filhos na China e a tendência revelada pelas crianças portuguesas para falarem com os pais, sendo que essa diferença é resultante do tipo de educação recebida e do tipo do ambiente em que as crianças se desenvolvem.

Pergunta 8: Quando fez algo errado e é questionado pelos pais, o que faz?

Tabela 8. Resultados da pergunta 8.

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B
A. admito a minha culpa	16 (53.33%)	25 (83.33%)
B. não digo nada	14 (46.67%)	5 (16.67%)

Na situação apresentada da pergunta 8, 83.33% dos inquiridos portugueses admitem a culpa quando fizeram algo errado e foram questionados pelos pais, ao passo que os inquiridos chineses (do grupo A) perfazem apenas 53.33%. O resto das pessoas prefere não dizer nada, o que mostra que os chineses, perante os superiores, têm mais medo e receio de dizer algo de errado. Em algumas famílias, os filhos são educados de forma rigorosa e eles por vezes nem sequer têm a coragem de dizer o que fizeram de errado em frente dos pais - o ambiente em que eles crescem causa esse tipo de silêncio. Assim, observamos que, na China, os filhos têm provavelmente maior tendência para ficar em silêncio quando têm problemas com os pais e que, em Portugal, os filhos tendem mais a resolver os problemas com os pais através da comunicação verbal.

Por fim, embora exista uma diferença entre as crianças chinesas e portuguesas no que diz respeito ao uso do silêncio, e a situação que Wang refere e que foi mencionada acima exprima uma realidade na sociedade chinesa, isso não quer dizer que na maior parte das famílias chinesas a situação seja essa, pois, com o desenvolvimento da economia e da tecnologia do país, a China tem cada vez mais contactos com os países do resto do mundo, especialmente aqueles a que chamamos os países desenvolvidos, e a globalização permite a troca dos conhecimentos e de informações, incluindo as ideias sobre a educação dos filhos. Deste modo, os pais mais jovens, especialmente os das crianças nascidas já no século XXI, têm vindo a introduzir algumas ideias ocidentais sobre a educação e procuram estabelecer uma relação mais equilibrada com os seus filhos, comunicando com eles não apenas como uma figura superior. Isso leva as crianças a optarem com mais frequência por formas verbais de comunicar e de lidar com os seus pais, adquirindo assim uma maior liberdade comunicativa.

2.3 O Silêncio em contexto académico

2.3.1 O silêncio e a educação

Samovar, Porter e Stefani referem, no seu livro *Communication Between Cultures*, que os chineses costumam dizer: «By nature all men are alike, but by education widely different» (Samovar, Porter e Stefani, 1997: 198). Os três autores acreditam que a educação tem uma ligação direta à cultura que não se pode negligenciar, pois, no momento em que as crianças entram na escola, entram em contacto com a cultura; por outro lado, novamente na opinião dos três autores mencionados acima, uma das funções da educação é promover os conhecimentos informais de uma cultura, que as crianças igualmente aprendem na escola e que vai influenciar a forma como elas pensam e se comportam (Cf. *ibid.*: 198-199). Obviamente, estando a educação associada à cultura, e tendo a cultura uma ligação estreita ao silêncio, também existe um laço entre o silêncio e a educação, pois em contextos culturais diferentes observamos formas diferentes de ensino e um ambiente

diferente na sala de aula e, assim, verificamos a utilização do silêncio em contexto académico de maneiras diferentes, como confirmam Samovar, Porter e Stefani:

In some cultures, teachers talk or lecture a great deal of the time, whereas in others students do most of the talking. Silence and minimal vocal participation characterize some classrooms, whereas others tend to be noisy and active. In many cultures, students recite and then write down what their teacher has said rather than using individual textbooks. (ibid.: 200)

Acreditamos que alguns estudos sobre a educação, incluindo questões como as das formas educativas vigentes em diferentes países, ou das influências da cultura na educação, podem contribuir para a dilucidação do uso do silêncio nas comunicações em contexto académico na China e em Portugal. Sendo o silêncio um fenómeno comunicativo através do qual se transmitem mensagens de uma pessoa a outra, verificámos, no capítulo anterior, que ele se mostra capaz de permitir o controlo das emoções negativas em certas situações, como por exemplo em contexto familiar; por outro lado, o silêncio também é utilizado para possibilitar a revelação das emoções e isso reflete-se frequentemente no contexto académico. Perry Gilmore menciona que o silêncio e a comunicação não-verbal são particularmente importantes nas interações na sala de aula, porque muitas comunicações emocionais dos alunos são feitas através do silêncio e da comunicação não-verbal, especialmente nas aulas tradicionais, onde a comunicação silenciosa é frequente na interação comunicativa entre os professores e os alunos. (Gilmore, 1985: 143).

Com o desenvolvimento das sociedades, a educação também tem evoluído e têm vindo a alterar-se as formas de ensino em vários países, especialmente nos países ocidentais, sendo alguns deles considerados bons exemplos na área da educação: por exemplo, os Estados Unidos é um dos melhores países em termos de educação, sobretudo no que toca à educação superior, devido ao seu desenvolvimento e à maturidade das suas instituições de educação superior, à tecnologia e à economia. Nos Estados Unidos, o

desenvolvimento das competências expressivas, quer na escrita, quer na oralidade, é muito importante no processo da educação básica, por isso, os alunos são incentivados a expressar opiniões próprias e a fazer perguntas nas aulas. No caso de Portugal, de acordo com as minhas experiências de ensino nas escolas primárias, os alunos têm uma participação ativa nas aulas de chinês e uma grande parte dos alunos faz perguntas ou apresenta dúvidas nas aulas, quer seja um bom aluno ou um mau aluno; pelo contrário, dá-se uma participação menos ativa dos alunos nas aulas universitárias, aspeto este que pretendemos analisar mais pormenorizadamente.

Na China, durante o meu percurso académico, e segundo as opiniões das pessoas da minha geração, apesar de haver sempre alunos que costumam discutir com os professores nas aulas, os professores falavam muito mais que os alunos nas aulas na escola primária e secundária, sobretudo na última, e a quantidade dos alunos que participavam na aula de uma forma ativa, não silenciosa, foi relativamente escassa. Porém, de acordo com as informações que coletámos, nos últimos dez anos, houve mudanças notáveis na educação na China, introduziram-se novas formas do ensino e a tendência para os alunos ficarem em silêncio nas aulas tem mudado de certa maneira. Veremos seguidamente quais são essas mudanças e quais são as diferenças entre Portugal e a China no que diz respeito ao silêncio em contexto académico. Neste capítulo, procuraremos apresentar principalmente o silêncio dos professores e dos alunos de um modo geral, analisaremos as razões que determinam o silêncio destes nas aulas, aprofundando essa questão em contextos culturais diferentes, particularmente na China e em Portugal.

De qualquer forma, o silêncio continua a ser usado nas aulas hoje em dia. Normalmente, numa perspetiva mais limitada, as pessoas consideram que o silêncio na sala de aula coincide com a ausência de resposta dos alunos às perguntas dos professores, embora, na realidade, a sua não resposta às perguntas seja apenas uma das formas do silêncio na interação com os professores; para além disso, consideramos que a discussão em grupo ou com os professores e a conversa livre sobre certos assuntos com os professores também constituem formas de interação nas aulas, e a ausência destas indica a

presença do silêncio em contexto académico. Além do mais, destacamos que o silêncio é usado tanto por professores como por alunos, porém, em países distintos existem diferenças no uso do silêncio em contexto académico, especialmente no que diz respeito à utilização do silêncio por parte dos alunos - devido às diferenças culturais, à especificidade do ambiente académico e aos diferentes sistemas educativos.

2.3.2 O silêncio dos professores

Segundo Gilmore, o silêncio dos professores é frequentemente marcado pelos gestos, expressões faciais e movimentos corporais: por exemplo, o aparecimento do silêncio é acompanhado por certos comportamentos, tais como levantar-se de repente, parar de falar ou ler algo de repente, olhar para algum aluno ou caminhar para alunos que estão a violar as regras. Por vezes os professores também abanam a cabeça para indicar aos alunos que não podem fazer o que estão a fazer. Outras vezes, Gilmore revela que, «Not surprisingly, silences are often marked not only with gestures, body orientation and the like, but with signals that actually carry sound» (Gilmore, 1985: 146), explicando ainda o autor que «Often teachers will initiate a silence display by slamming a door (in some cases even opening the door first in order to do so), slapping a book down on the desk, or clapping their hands» (ibid.: 147) e, de vez em quando, os professores também iniciam o silêncio chamando os nomes dos alunos que se portam mal. Na verdade, quando os professores ficam em silêncio, eles muitas vezes estão a dar uma ordem aos alunos e esse tipo de silêncio é habitualmente percebido facilmente por todos os participantes nas aulas, por exemplo, quando os alunos não param de fazer barulho nas aulas, alguns professores optam por ficar em silêncio e esperar que os alunos se calem sozinhos em vez de gritarem. Eles usam o silêncio para lembrar os alunos que estes têm de tomar atenção aos professores, ou avisar que não se pode fazer na sala de aula o que estão a fazer. Consideramos que este tipo de “comunicação silenciosa” entre os professores e os alunos é mais comum nas escolas secundárias e universidades, e menos comum nas escolas

primárias, porque os alunos com mais de dez anos já têm capacidade mais do que suficiente para saberem o que se deve fazer e o que não se deve fazer nas aulas; pelo contrário, nas escolas primárias, é preciso os professores ensinarem às crianças as regras de comportamento na sala de aula e o silêncio torna-se menos eficaz neste contexto, dado que as crianças ainda são novas, não conseguem perceber bem o que os professores pretendem no caso de eles optarem pelo silêncio, não dão conta que os professores ficam em silêncio por estarem frustrados com alguma coisa que elas fazem e, nestas situações, é necessário os professores comunicarem com elas e as palavras tornam-se necessárias. Assim, julgamos que, quanto ao silêncio dos professores nas aulas, não há grandes diferenças entre os países ocidentais e orientais.

2.3.3 O silêncio dos alunos

No que diz respeito ao silêncio dos alunos, veremos seguidamente as diferenças e também as semelhanças nas aulas nas escolas chinesas e portuguesas.

Geralmente, segundo o autor chinês Xiangqian Liu, citado por Liping Liu, considera-se que há dois tipos de silêncio dos alunos, um é o silêncio positivo e o outro é o silêncio negativo. (Apud Liu, 2014: 1). O silêncio positivo acompanha a absorção das matérias pelos alunos ou sinaliza os momentos em que eles pensam nas questões e nas perguntas que os professores lhes colocam: este tipo de silêncio reflete o processo da receção dos conhecimentos por parte dos alunos e a sua posição de ouvintes. Opostamente, o silêncio negativo normalmente mostra o desinteresse dos alunos nas matérias das aulas, a passiva participação nas aulas e até a rejeição da própria aprendizagem. Liping Liu lembra-nos que, por vezes, o silêncio dos alunos nas aulas não se limita apenas à ausência das palavras, visto que eles também se silenciam psicologicamente.

Segundo Wenlin Wu, Saville-Troike (1982) compara as crianças chinesas e japonesas às crianças ocidentais (por exemplo, americanas, inglesas e alemãs), acabando por concluir que as crianças chinesas e japonesas são relativamente mais silenciosas. Por outro lado, Saville-Troike acredita que existe uma relação íntima entre o estilo da educação dos países

asiáticos (China e Japão) e a acentuada manifestação do silêncio das crianças asiáticas (Wu, 2011: 1).

Parece-nos que há várias razões que podem causar o silêncio dos alunos nas aulas, porque o ambiente na sala de aula, o entusiasmo e a participação dos alunos nas aulas não depende apenas dos alunos, mas também depende dos professores. Sendo que tanto os professores como os alunos podem dar origem ao silêncio dos alunos, a sala de aula é um lugar que exige a cooperação comunicativa entre os alunos e os professores, para que ambos atinjam aos seus objetivos de ensino ou de aprendizagem. Vamos ver isso ao analisar as diferenças do uso do silêncio em contexto académico na China e em Portugal. E a fim de podermos ter uma melhor ideia sobre o modo como os alunos chineses e portugueses se comportam nas aulas (e saber se o silêncio é utilizado com frequência ou não nas aulas dos chineses e portugueses), fomos observar algumas aulas de chinês nas escolas primárias e secundárias portuguesas. Quanto aos alunos chineses, reunimos informações facultadas por pessoas que foram observar aulas de inglês, história e matemática em escolas secundárias de províncias diferentes.

De acordo com as informações que adquirimos, na China, com as reformas na área da educação, a atmosfera na sala de aula tem mudado nos últimos dez anos: atualmente, nas escolas secundárias, do sétimo ano até nono ano (2º Ciclo),¹⁷ os professores enfatizam cada vez mais a comunicação verbal e mutual entre os professores e os alunos, incentivam a discussão em grupo, a realização dos jogos competitivos e a participação ativa dos alunos nas aulas. Comparando esta situação com a época em que as pessoas da minha geração estavam no 2º Ciclo (há dez anos atrás), a situação já é muito diferente e está melhorando, dado que, quando as pessoas da minha geração estavam entre o sétimo e o nono anos, as formas de ensino ainda eram relativamente tradicionais e não se nega o facto de que eram os professores que falavam na maioria do tempo nas aulas, desempenhando os alunos preferencialmente o papel de bons ouvintes. Hoje em dia, os alunos, em vez de serem apenas ouvintes, tornam-se participantes ativos das aulas.

¹⁷ Na China, normalmente o 1º Ciclo corresponde ao primeiro ano até ao sexto ano, o 2º Ciclo corresponde ao sétimo ano até ao nono ano, e o 3º Ciclo corresponde ao décimo ano até décimo e segundo ano.

No entanto, a situação das aulas dos alunos do décimo ano ao décimo segundo ano (3º Ciclo) não teve uma mudança assim tão notável comparada com a situação das aulas na época das pessoas da minha geração. Apesar de as escolas e os institutos educativos chineses já terem consciência que é preciso dar mais o direito de fala aos alunos nas aulas, os nossos observadores referiram que, para os alunos entre o décimo e o décimo segundo anos, parece que as reformas da educação não são apropriadas ao sistema educativo da China, já que, como se sabe, na China, todos os alunos têm de fazer um exame nacional no último ano da escola secundária para poderem entrar nas universidades e a nota final desse exame é um elemento fundamental para decidir se eles conseguem entrar numa boa universidade, o que é não só o sonho comum de muitos alunos de escola secundária, mas também a esperança dos seus pais. Um diretor do curso de inglês de uma escola secundária chinesa explica-nos que as formas do ensino para os alunos do 2º Ciclo não são adequadas aos alunos do 3º Ciclo: os primeiros não sentem a pressão do tal exame nacional e o objetivo principal do ensino é incentivar o interesse dos alunos, por isso é preciso que eles participem ativamente nas aulas, discutam questões e respondam a perguntas à vontade durante as aulas. Para isso, os professores tentam criar um ambiente descontraído nas aulas, em que os alunos podem exprimir-se com liberdade, pelo que o seu silêncio é menor. Pelo contrário, para alunos do décimo ano ao décimo segundo ano, a aplicação das mesmas formas do ensino origina maus resultados nas notas nos exames, porque, se, por um lado, os professores podem adaptar as formas de ensino, por outro não conseguem mudar o sistema de exames e se eles e os alunos se concentram na participação destes últimos das aulas, pode acontecer que tanto os professores como os alunos não consigam completar todos os objetivos do ensino para o exame nacional. Assim, quando chega a altura dos exames, os alunos não adquiriram todos os conhecimentos exigidos para os exames, o que redundava assim em más notas. O argumento de Wenlin Wu indica-nos esse fenómeno único da educação chinesa:

For a very long time, Chinese students have been cultivated by exam-oriented education. Therefore, a lot of students have got used to acquiring knowledge for the purpose of preparing for exams. Most students are not used to taking part in the class interaction; they only aim at getting high marks in examinations. The Chinese unique exam-centered culture has made the students really care about the scores. (Wu, 2011: 38)

Portanto, surge então uma das razões que causa o silêncio dos alunos chineses nas aulas, que é o sistema educativo da China, sendo considerado um aspeto fundamental para a educação na China. Sob o sistema educativo da China, os professores têm de ter uma forma de ensino diferente para conseguirem que os alunos estejam bem preparados para esse exame nacional e, para eles conseguirem adquirir conhecimentos suficientes, os professores tornam-se o centro das aulas em termos da fala e a maioria das vezes quem fala é o professor. Por outro lado, quanto menos questões forem levantadas e discutidas nas aulas, mais adiantado fica o processo do ensino, mais conhecimentos exigidos para o exame nacional são ensinados pelos professores, já que, de facto, a falta da discussão e comunicação entre os professores e os alunos poupa tempo, embora dê origem, ao mesmo tempo, ao silêncio dos alunos.

De outro ponto de vista, um dos nossos observadores que foi observar aulas nas escolas numa província relativamente mais desenvolvida deu-nos informações mais positivas sobre a situação do silêncio nas aulas dos alunos do 3º Ciclo: embora o silêncio continue a ser uma característica que domina as aulas, o observador admitiu que a participação dos alunos nas aulas tem melhorado nestes últimos anos, em comparação com o que sucedia nos anos em que as pessoas da minha geração estavam neste período do estudo, ou seja, atualmente já vemos mais alunos a “comunicar” intencionalmente com os professores, o problema é que a quantidade desse tipo de alunos ainda é escassa. Parece-nos, aliás, que quanto mais desenvolvida é a cidade em que ficam as escolas, mais ativa é a

participação dos alunos nas aulas e que estes ficam menos vezes em silêncio, pelo que o desequilíbrio da fala entre os alunos e os professores é assim menos acentuado.

Para além disso, obviamente, ainda existem outras razões que causam o silêncio dos alunos chineses e essas razões também servem para explicar o comportamento dos alunos portugueses que são silenciosos ou taciturnos; por exemplo, quando os professores fazem perguntas e os alunos não respondem ou a maioria não responde, as razões podem ser as seguintes: os alunos não estão interessados no que os professores ensinam; não sabem a resposta; têm uma ideia da resposta, mas não sabem se está certo ou não e têm vergonha de dizer; a forma do ensino do professor não é aceite nem apreciada pelos alunos; os alunos não querem ligar ao professor. (Liping Liu, 2004; Xuehua Wang, 2013). Gilmore também menciona que os alunos ficam em silêncio quando o professor lhes pede uma resposta direta nas aulas, por exemplo, perante a pergunta “O que estás a fazer?”, os alunos optam por se calar, porque provavelmente a resposta vai causar-lhes a perda da “*face*” na frente dos outros. (Cf. Gilmore, 1985: 155)

Com o nosso inquérito feito para os chineses na China (o grupo A), verificamos que o silêncio dos alunos chineses em contexto académico é relativamente acentuado: a maioria deles opta por não levantar na aula uma questão ao professor quando tem dúvidas, preferindo perguntar ao colega ao lado, e muitos deles preferem não dizer nada quando o professor explica algo errado na aula,¹⁸ pois embora os professores promovam a participação ativa por parte dos alunos nas aulas, estes têm medo de lançar perguntas na aula, eles preferem perguntar aos professores ou aos colegas depois das aulas, porque assim podem tirar dúvidas mais à vontade e têm menos vergonha para dizer o que não percebem, mesmo no caso em que o professor já tenha explicado a questão. A razão de muitos alunos chineses preferirem comunicar com os professores ou colegas sobre os assuntos da matéria depois das aulas e não durante as mesmas prende-se com o facto de eles saberem que aqueles alunos que são considerados bons alunos pelos professores e colegas dominam bem as matérias e raramente têm vergonha de discutir questões com os

¹⁸ Cf. as perguntas 9 e 10 e os resultados completos na Tabela 9 e 10. na página seguinte.

professores nas aulas; no entanto, a grande maioria dos alunos tem sempre mais preocupações e limitações em falar com os professores nas aulas.

Como vários autores chineses verificam, a falta de autoconfiança e o comportamento habitual que eles criaram durante a vida acadêmica são os dois fatores mais importantes para explicar o silêncio dos alunos chineses, dado que antes de perguntar ou discutir questões nas aulas, eles podem pensar por exemplo: será que essa pergunta é muito simples para outras pessoas? Será que os colegas vão gozar comigo por eu ter uma dúvida assim tão simples? Será que essa pergunta nem sequer faz sentido? Martin Cortazzi e Lixian Jin referem também que «Students will hesitate before offering opinions until they sense what the group feels or the direction that the teacher expects them to pursue» (Cortazzi e Jin, 1997: 79). Julgamos que esse tipo de preocupação e pensamento é realmente um fator muito importante que causa a falta da interação entre os professores e os alunos na China. Atentemos nas perguntas e nos resultados respectivos:

Pergunta 9. Quando tem dúvidas numa aula, o que faz?

Tabela 9. Resultados da pergunta 9.

Opções	Grupo A	Grupo B
A. pergunto ao professor	4 (13.33%)	16 (53.33%)
B. não pergunto por ter vergonha	7 (23.33%)	1 (3.33%)
C. pergunto ao colega do lado	19 (63.33%)	13 (43.33%)

Pergunta 10. Quando acha que o professor explica algo errado na aula, o que faz?

Tabela 10. Resultados da pergunta 10¹⁹

Opções \ Resposta/ Porcentagem	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A. discuto com os colegas e o professor na aula	7 (23.33%)	20 (66.67%)	19 (63.33%)
B. não tenho confiança na minha ideia, não digo nada	23 (76.67%)	10 (33.33%)	11 (36.67%)

Verificamos que os inquiridos portugueses em Portugal (o grupo B) apresentaram resultados diferentes dos inquiridos do grupo A, sendo que há mais de metade dos inquiridos portugueses que tendem a perguntar aos professores quando têm dúvidas nas aulas, apesar de haver uma quantidade de pessoas portuguesas que também preferem perguntar ao colega do lado e 66.67% dos inquiridos portugueses optam por discutir com o professor quando o professor explica algo errado. Numa aula de uma hora com 15 alunos que fomos observar, registamos que por 9 vezes as dúvidas foram lançadas voluntariamente pelos alunos e a participação dos alunos é bastante ativa; tirando dois alunos que não estavam interessados no que a professora ensinava, o resto dos alunos apresentaram interesse e tiveram bastantes interações com a professora.

Para além disso, os alunos do décimo ano numa escola secundária portuguesa afirmam que não se sentem envergonhados em fazer ou responder a perguntas nas aulas (verificamos isso também nos resultados dos portugueses na Tabela 9), que lançam imediatamente questões nas aulas quando têm dúvidas e que, quando não tiverem a certeza das suas respostas às perguntas dos professores, em vez de ficarem em silêncio, dizem que não sabem bem a resposta, tentando, apesar disso, responder na mesma; por outro lado,

¹⁹ Os resultados apresentados do grupo C aqui na Tabela 10 não são preciosos para a análise do silêncio neste capítulo, mas são necessário para a investigação do capítulo 3 desta dissertação, apresentamos já aqui os resultados para depois evitar apresentar novamente a mesma tabela no capítulo 3.

também admitem que às vezes nas aulas com professores portugueses, acontece que as pessoas não dizem nada por não terem confiança ou não terem a certeza da resposta, sendo que isso depende da personalidade de cada aluno, dos professores e das disciplinas.

Em relação a esta questão nas escolas chinesas, uma das nossas observadoras confessou que, apesar de os alunos chineses do 2º ciclo participarem nas aulas e responderem a perguntas com entusiasmo, eles não costumam lançar perguntas nas aulas. Nós consideramos que há duas razões principais para explicar o facto de os alunos portugueses terem mais vontade e liberdade para falar nas aulas: por um lado, isso tem a ver com o sistema educativo do país e o ambiente de estudo, já que, na China, a autoridade dos professores e a disciplina são dois elementos importantes no ambiente académico. Martin Cortazzi e Lixian Jin destacam essa ideia com as seguintes palavras: «the academic culture of the Chinese (and many other non-western groups) emphasizes relationships. The collective consciousness of the group is important» (Cortazzi e Jin, 1997: 79). Assim, entre os estudantes e os professores existe uma relação hierárquica em que se distingue quem é mais velho e está numa posição de autoridade e quem é mais novo e está numa posição de subordinação.

Os alunos têm de respeitar aos professores, sendo mais obedientes que os alunos portugueses, tendo mais cuidado ao pensar quando é para falar e quando não é para falar, pois Cortazzi e Jin verificam que o Confucianismo salienta o respeito pelo professor por parte dos alunos e a obrigatoriedade de estes se mostrarem obedientes; por outro lado, «Chinese students say they do not want to lose face by asking questions because this may disturb the class and it shows a lack of respect for the teacher» (ibid.: 13). Em Portugal, como a disciplina nas aulas não é tão valorizada como na China e os professores não são vistos como símbolo tão elevado de autoridade, os alunos sentem-se mais à vontade nas aulas. Novamente segundo Cortazzi e Jin, «In Chinese terms, a learner needs to know before asking. In British terms, students come to know by asking» (ibid.: 13), pelo que pode concluir-se que a cultura académica inglesa (e a ocidental, em geral) tem uma orientação individual e que «There is a degree of equality between individuals so that

‘horizontal’ relationship are emphasised.» (Cortazzi, Jin, 1997: 78), sendo esperado que os estudantes se desenvolvam como indivíduos ao expressarem as suas opiniões. Porém ao mesmo tempo, também admitimos que a falta de disciplina nas aulas dos alunos portugueses por vezes também causa a participação passiva dos alunos, como ficou claro numa outra aula que fomos observar: tratava-se de uma turma bastante indisciplinada e, durante toda a aula, só um terço dos trinta alunos participavam bem na aula, o resto das pessoas ou estudavam livremente em grupo ou conversavam sobre outras coisas que não tinham nada a ver com a aula. Essa aula foi barulhenta, mas em termos da interação com o professor e da real participação dos alunos, ela foi relativamente silenciosa.

Por outro lado, a participação e a interação na sala de aula também tem a ver com a dimensão da turma - na China, é muito comum haver mais de 50 alunos numa turma e, pelo contrário, em Portugal, o número dos alunos em cada turma é mais reduzido, pelo que os alunos portugueses têm mais oportunidades de falar nas aulas, pois quanto mais pessoas estiverem numa aula, mais complicado se torna para os professores terem tempo e energia suficiente para explicar o que há a explicar a todos aqueles que fazem perguntas nas aulas. Além do mais, quando uma turma tem menos alunos, o professor pode dar mais atenção aos alunos individualmente, incentivando-os a interagirem com o professor. Segundo as palavras de Wenlin Wu, alguns alunos que costumam ficar em silêncio nas aulas esperam que haja menos estudantes numa turma, desejando que os professores incentivem mais os alunos a discutir e falar nas aulas e, quanto a esta questão, achamos que a situação geral da escola portuguesa é melhor que a da escola chinesa.

Contudo, uma professora de matemática da escola secundária a que fomos admitiu que, de facto, atualmente os alunos portugueses também ficam calados nas aulas de algumas disciplinas e não participam muito nas aulas por causa da especialidade da disciplina. Por outro lado, de acordo com as experiências dos estudantes chineses nas universidades, nós não vemos uma grande diferença entre os estudantes portugueses e chineses, pois a participação dos alunos portugueses nas aulas nas universidades também não é muito ativa. Há sempre pessoas que falam nas aulas, mas a maioria das vezes quem

costuma falar é normalmente bom estudante da disciplina, o que corresponde a uma minoria dos alunos. Portanto, chegamos à conclusão que, de um modo geral, os alunos portugueses têm uma participação mais ativa nas aulas que os alunos chineses, e falam com mais à vontade nas aulas, porém, não negamos que tanto na China como em Portugal existe tanto a participação ativa dos alunos como o seu silêncio.

Como as aulas que fomos observar em Portugal foram aulas de chinês, notamos que, realmente, nas aulas de língua estrangeira podemos identificar uma maior diferença em termos do uso do silêncio pelos alunos chineses e portugueses. Por exemplo, uma professora de francês de uma escola secundária portuguesa confessa que os alunos falam muito nas suas aulas de francês, porque os professores dão muita importância à oralidade e é preciso os alunos falarem o mais possível nas aulas. Todavia, comparando a sua situação com a dos alunos portugueses nas aulas de chinês e com a dos alunos chineses na China em aulas de inglês (estando, todos eles, em contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira), verificamos que eles ficam mais ansiosos, apreensivos e nervosos do que quando se exprimem na sua língua materna, pelo que também têm menos vontade de participar nas conversações e interações.

Nos últimos anos, muitos estudos chineses investigaram a questão do silêncio dos alunos chineses nas aulas de inglês. Tirando as razões que mencionámos acima, no contexto das aulas de línguas estrangeiras, ainda existem algumas razões específicas para explicar o silêncio dos alunos chineses. Na verdade, muitos autores que estudaram o assunto do silêncio dos alunos chineses nas aulas de inglês referiram que a falta de autoconfiança, de compreensão da matéria e de proficiência da língua são as razões principais que contribuem para o comportamento silencioso dos alunos nas aulas de inglês. Os resultados do questionário que Wenlin Wu fez com 80 alunos universitários em 2011, no qual 74 alunos referiram que tinham a experiência de manter o silêncio nas interações com os professores nas aulas com professores estrangeiros, confirmaram que os alunos tendem a ficar em silêncio nas aulas de inglês e, por vezes, quando os professores fazem perguntas, eles não respondem, mesmo que tenham uma ideia sobre a resposta, porque

muitos deles ou não querem perder a “*face*” ou ficam constrangidos quando dão respostas erradas. Novamente de acordo com Wenlin Wu, um professor de inglês, nativo da língua inglesa, numa universidade da China defende que «the main factor of the students’ silence in class was due to their English proficiency and their shy personality» (Wu, 2011: 34), julgando que a capacidade da língua inglesa e o carácter dos alunos determinam diretamente a sua performance e a sua participação nas aulas. De outro ponto de vista, os alunos chineses mantêm o silêncio nas aulas de inglês para mostrar o respeito pelos professores e os professores ingleses não compreendem isso, pelo contrário, pensam que os alunos ficam em silêncio por causa da falta de compreensão, desinteresse pela aula e falta de confiança.

Urge então colocarmos a questão de saber se os portugueses também têm tendência de ficar em silêncio nas aulas da língua estrangeira. Como nós sabemos, nos últimos dois anos, a aprendizagem do chinês tem sido muito incentivada em Portugal e cada vez mais aulas são abertas em escolas primárias, secundárias e nas universidades. Nas aulas de chinês que fomos observar, notámos que a participação dos alunos é bastante positiva e eles têm intenção de comunicar em chinês com os professores; mesmo quando têm dificuldade em dizer alguma palavra ou frase em chinês, eles tentam dizer o que conseguem. Por exemplo, no início de uma aula que fomos observar, a professora chinesa pediu aos alunos para decorarem e lerem o poema chinês que haviam estudado na semana anterior. Cinco alunos leram o poema voluntariamente, as outras 10 pessoas foram chamadas pela professora e leram todos também em frente dos outros. Ora, temos que salientar que esses alunos tiveram quatro dias para estudar o poema e que decorar um poema em chinês não é uma tarefa fácil para os estudantes estrangeiros. Entretanto, houve uma aluna que não conseguiu decorar tudo, leu o que conseguiu na altura e, mais tarde, pediu voluntariamente à professora lhe dar mais uma oportunidade de ler todo o poema novamente, tendo ainda sucedido que outra aluna que tinha conseguido decorar o poema mas não tinha lido bem pediu para voltar a dizê-lo. Consideramos que situações como estas acontecem raramente aos alunos chineses, porque, normalmente, quando os alunos falham

ou têm dificuldade em dizer algo em inglês durante as aulas, poucos deles querem ter outra oportunidade para melhorar sem os professores pedirem, porque a falha que já tiveram os leva à perda da “face” e eles não querem perdê-la outra vez.

Assim, achamos que a participação e as práticas orais dos alunos portugueses nas aulas de línguas estrangeiras têm a ver também com a maneira como os professores avaliam os alunos, ao passo que, na China, os professores avaliam os alunos apenas de acordo com as notas que eles tiram nos exames, como confirma Wenlin Wu: «excellent students are those who gain high scores in exams. Most of the Chinese students have been told since they are pupils that getting high grades is considered as excellence both in teacher’s eye and peers’ eye» (Wu, 2011: 38). Pelo contrário, para os professores portugueses, a nota final dos alunos de cada período do ano letivo é composta pela nota dos exames (escrita e oralidade), o comportamento nas aulas, a participação nas aulas, etc., e isso leva os alunos a quererem participar mais nas aulas. No caso dos alunos chineses, como eles se importam mais com as notas, possivelmente não têm ou têm pouca iniciativa para apostarem na participação e na interação com professores durante as aulas.

De outro ponto de vista, Adam Jaworski, com base na compreensão da cultura asiática, apresenta-nos uma opinião diferente sobre o silêncio dos alunos nas aulas de línguas estrangeiras, explicando deste modo o fenómeno de os alunos chineses ou japoneses serem silenciosos nestas aulas:

Silence periods in a foreign-language classroom in Japan help the students attain a sense of social and emotional balance and integration (LaForge, 1983). In general, silence seems to be a facilitative factor in foreign-language learning in improving the students’ reading, writing, speaking, and listening skills. (...) Therefore, even when the foreign language classroom is a silent one and the student spends most time listening to the teacher and to the other students, it does not mean that no learning is taking place. (Jaworski, 1993: 52-53)

Concordamos parcialmente com o que diz Jaworski, pois no caso dos estudantes chineses e japoneses, nas aulas de línguas estrangeiras, quando os alunos ficam em silêncio, isso não significa que eles não estão a aprender, pelo contrário, há muitos alunos que conseguem ter notas muito boas sob essa forma de aprendizagem; por outro lado, nós temos de admitir que a maioria dos alunos chineses, incluindo aqueles que conseguem tirar notas muito altas, têm dificuldades na oralidade. De certa forma, eles sabem ler e conseguem perceber bem quando comunicam com os nativos de língua inglesa, mas sentem dificuldade em falar a língua com fluência, o que mostra que os alunos chineses precisam de praticar mais a oralidade nas aulas e evitar o silêncio.

Samovar, Porter e Stefani destacam o seguinte:

In some cultures, students are taught to participate actively in the learning process by asking questions and engaging in discussion. In other cultures, the teacher holds all the information and disseminates it to the students, who passively listen and take notes. Many Hispanic, Asian and Pacific Rim cultures expect their students to learn by listening, watching (observing), and imitating. However, critical thinking, judgmental questioning, and active initiation of discussion are expected from students in the American school system. (Samovar, Porter e Stefani, 1997: 209)

As palavras dos autores assinalam a divergência das formas de educação em culturas diferentes, sendo que os alunos tentam fazer o que os professores querem que eles façam. No exemplo de alunos portugueses e chineses, especialmente nas aulas de línguas estrangeiras, vemos que os alunos dos dois países manifestam comportamentos comunicativos diferentes e, de um modo geral, os alunos portugueses são de facto menos silenciosos que os alunos chineses nas aulas de línguas estrangeiras. No entanto, não negamos o sucesso da educação da China: os resultados do Programa Internacional de

Avaliação de Alunos em 2009 e em 2012²⁰ mostraram que o estilo da educação chinesa tem as suas vantagens e desvantagens e que o relativo silêncio dos estudantes chineses permite-lhes conseguirem boas notas através do domínio dos conhecimentos, limitando-os no desenvolvimento da criatividade e aplicação dos conhecimentos. Por outro lado, a falta de disciplina na educação de Portugal também causa por vezes a passiva participação dos alunos, surgindo outro tipo do silêncio discente: eles acabam por falar de coisas que não têm nada a ver com a aula, pelo que não há verdadeiramente interação entre eles e os professores, mas sim silêncio.

²⁰ O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) é o programa que avalia o desempenho escolar dos estudantes com idade de 15 anos, os alunos de Xangai participaram nesse programa em 2009 e 2012 como representantes dos alunos do continente da China, ficaram no 1º lugar com os melhores resultados na ciência, matemática e leitura.

3. Hibridismo de comportamento

3.1 Alunos chineses em contexto europeu

Ao analisar o silêncio nas comunicações interpessoais em contexto cultural diferente, sobretudo na sociedade chinesa e portuguesa, identificámos que existe sempre alguma diferença entre os chineses e os portugueses no uso do silêncio, quer seja em contexto social, familiar, ou académico, surgindo-nos assim a questão seguinte: qual será o comportamento comunicativo dos estudantes chineses que estudam em Portugal em relação ao silêncio nas comunicações interpessoais? Assim, quando elaborámos um inquérito aos chineses na China (grupo A) e aos portugueses em Portugal (grupo B), também fizemos um inquérito aos chineses que estudam em Portugal há mais de dois anos (grupo C), aos quais dirigimos as mesmas perguntas. A nossa ideia era que os chineses em Portugal tivessem um comportamento diferente dos chineses na China, sendo que estes últimos não tiveram contacto com nenhuma cultura sem ser a do seu próprio país, ou então esses contactos terão sido bastante reduzidos e esporádicos. Procurámos avaliar estudantes que estão em Portugal há mais de dois anos, dado que a adaptação num novo país é um processo gradual, e assim pareceu-nos que esse período de tempo seria já suficiente para os alunos poderem conhecer uma nova cultura ao ponto de poderem, eventualmente, começar a ser influenciados por ela, o que os levaria talvez a comportarem-se de uma maneira que não seria coincidente com a dos chineses na China.

Adrian Furnham defende que «Foreign and exchange students have been the topic of academic research for a long time» (Furnham, 1997: 13) e, por seu turno, Jeanine Hermans e Margaret D. Pusch destacam que, para os estudantes que estudam no estrangeiro, tomar a decisão de estudar num país que não seja o seu é um projeto desafiante e corajoso. (Cf. Hermans e Pusch, 2004: 41). Viver num país desconhecido é uma nova experiência e implica uma mudança da vida para estes estudantes e eles precisam sempre de um período para se adaptarem ao novo ambiente e para poderem sentir-se confortáveis nesse ambiente; durante o tempo de adaptação, eles vão conhecendo uma nova cultura, vão sinalizando as diferenças entre a cultura do país onde estudam e a cultura do seu próprio país, aprendendo

simultaneamente a lidar com coisas novas e reagindo às diferenças, procurando assimilá-las.

Ting-Toomey considera que o processo da adaptação intercultural envolve uma certa mudança de identidade, originada por um choque cultural mais ou menos intenso entre as crenças e hábitos do próprio sujeito e os do país de acolhimento, podendo mesmo dar origem a uma sensação de incompetência nos seus contactos sociais. (Cf. Ting-Toomey, 1999: 245). Perante essas novas experiências e perante as diferenças identificadas, pode de facto gerar-se uma situação de conflito identitário, especialmente na fase inicial da convivência do sujeito com o espaço cultural da diferença. Ora, quando os estudantes estrangeiros chegam a um país desconhecido, pode suceder que lhes sobrevenha um sentimento de frustração ou desilusão em virtude de poderem ser confrontados com falhas ao tentarem comunicar ou lidar com os nativos, ou até simplesmente por se verem confrontados com valores culturais muito diferentes dos seus. De acordo com Jeanine Hermans e Margaret D. Pusch, «they encounter practices and other aspects of the new culture that conflict with what they knew at home» (Hermans e Pusch, 2004: 42) e deste modo o choque cultural é subsequente ao confronto com a diferença. Segundo Ting-Toomey, todos os estudantes internacionais enfrentam choques culturais de certo grau e, de facto, essa experiência conflitual também faz parte da sua adaptação ao novo ambiente e da sua integração na comunidade académica de acolhimento. Jeanine Hermans e Margaret D. Pusch também partilham a mesma ideia, sublinhando que os choques de culturas são normais em estudantes que estudam fora do país, embora o sofrimento intenso que eles podem causar não aconteçam a toda a gente.

No processo de adaptação dos estudantes internacionais aos países estrangeiros, Jeanine Hermans e Margaret D. Pusch verificam que «the individual may or may not undergo some personal changes, but they will definitely have to adjust their behaviour, way of living, and often how they think about the goals for and their activities in their new situation» (Hermans e Pusch, 2004: 42). E, na perspetiva de Furnham, Adler (1975) e David (1971) sublinham que os choques de culturas vividos pelos estudantes internacionais

são vistos frequentemente como negativos, acarretando consequências negativas nos estudantes, mas, na realidade, eles também são uma experiência, sinalizando um processo da transição que origina a sua adaptação dos novos valores, atitudes e comportamentos (Cf. Furnham, 1997: 16). Do mesmo modo, segundo Ting-Toomey, os contactos entre pessoas de culturas diferentes podem levar à dissolução da identidade ou ao *stress*, devido ao eventual conflito entre diferentes formas de pensar, de fazer as coisas e mesmo das expressões não-verbais. Porém, ao contactarmos com pessoas que são diferentes de nós, ao encararmos a desconformidade e a ansiedade, aprendemos e evoluímos, como diz o autor: «Encountering a dissimilar other helps us to question our routine way of thinking and behaving; Getting to really know a dissimilar stranger helps us to glimpse into other world- -a range of unfamiliar experiences and a set of values unlike our own» (Ting-Toomey, 1999: 245).

Jeanine Hermans e Margaret D. Pusch defendem ainda que, para os estudantes internacionais, «In addition to coping with cultural differences, the student is also experiencing the psychological process of making a transition between cultures» e que «The learning process throughout a stay in a new culture is complex and almost inevitably results in the student taking on some new attributes and attitudes» (Hermans e Pusch, 2004: 47). Os resultados do nosso inquérito também confirmaram que, em certos contextos, houve algumas mudanças nos chineses que estudam em Portugal. Os nossos inquiridos do grupo C revelaram um comportamento comunicativo parecido com o dos inquiridos portugueses (grupo B) em algumas situações e, com alguma frequência, de acordo com os resultados, os inquiridos do grupo B e C optam por fazer certas coisas de maneira totalmente diferente (até mesmo oposta) à dos inquiridos chineses na China (grupo A).

Em primeiro lugar, notamos que essa semelhança de comportamentos comunicativos entre os chineses que estudam em Portugal e os portugueses é apresentada logo de uma maneira notória em contexto académico. Na verdade, os chineses que estudam em Portugal contactam com os nativos principalmente na universidade e assim passam a conhecer as

maneiras de os portugueses se comportarem no contexto académico, pelo que, ao começarem a familiarizar-se com a cultura académica em Portugal, vão sendo influenciados por essa cultura de uma forma ou de outra. No capítulo anterior, comparámos os comportamentos interativos dos estudantes chineses e dos estudantes portugueses, especialmente nas aulas das línguas estrangeiras, e chegámos à conclusão que, de uma forma geral, os estudantes chineses são relativamente mais silenciosos do que os estudantes portugueses, mesmo que os estudantes portugueses também manifestem o silêncio nas aulas de vez em quando.

Contudo, os chineses que estudam em Portugal já mostram uma maior intenção de participar nas aulas e uma certa consciência da necessidade de comunicar com os professores nas aulas. Como indicam os resultados da pergunta 10, 23.33% dos inquiridos do grupo A preferem não dizer nada quando acham que o professor explica algo errado na aula, devido à falta de confiança, mas, no entanto, 66.67% dos inquiridos do grupo B e 63.33% dos inquiridos do grupo C pretendem discutir com os colegas e com o professor na aula, o que nos mostra uma semelhança de comportamento dos inquiridos do grupo B e C²¹. Tal como Adler e Pai (2001) afirmam, referidos por Ayşe Begüm Aydinol, a cultura modifica os pensamentos, as interpretações, a crença e os comportamentos das pessoas, ela faz as pessoas interiorizarem os valores culturais dos outros países (Apud Aydinol, 2013: 14). Para além disso, no grupo C, uma parte dos inquiridos (43.3%) partilham a ideia de que, se os alunos ficarem em silêncio nas aulas, o professor entenderá que os alunos não compreendem ou não querem ouvir e isso mostra que os alunos chineses que estudam em Portugal já têm consciência das consequências do silêncio na interação com o professor; eles têm uma ideia da interpretação que o professor dá ao seu silêncio e, assim, também vão tendo a noção sobre o que é ou não esperado que façam nas aulas.

Seguidamente, ao contactarem com os nativos na sua vida social e académica, vão ocorrer algumas mudanças na forma como os estudantes chineses em Portugal lidam com

²¹ Os detalhes dos resultados do grupo C mencionados neste parágrafo já estão apresentados anteriormente na Tabela 10, no capítulo 2.

os colegas, os amigos e os familiares. Por exemplo, na pergunta 4, 80% dos inquiridos do grupo B e 66.67% dos inquiridos do grupo C optam por expressar as suas opiniões quando têm opiniões diferentes de pessoas superiores (os pais, patrões, etc) e por discutir com estes; pelo contrário, no grupo A, a maioria dos inquiridos (60%) prefere apenas ouvir e falar pouco ou nada numa situação como essa. Constatam-se igualmente, na pergunta 7, que 56.67% dos inquiridos do grupo A tendem a não dizer nada quando têm problemas com os pais, porém, na mesma situação, a maioria dos inquiridos do grupo B e C não optam por fazer o mesmo: 56.67% dos inquiridos do grupo B e 70% dos inquiridos do grupo C tentam discutir com os pais. Estes dados demonstram que, para além de os estudantes chineses em Portugal serem supostamente mais influenciados pela cultura académica portuguesa (por terem mais contactos com os nativos em contexto académico), a sua maneira de lidar com pessoas em contexto social e/ou familiar também tem mudado.²²

Ting-Toomey apresenta a sua opinião em relação à adaptação dos estudantes internacionais com a seguinte frase: «Individuals who travel across cultural boundaries and stay in other cultures for a lengthy period are inevitably transformed on the cognitive, affective, behavioral and identity levels» (Ting-Toomey, 1999: 247). Durante o tempo que eles estão em Portugal, eles vão contactar com a cultura portuguesa e, possivelmente, uma parte desses estudantes vai ser influenciada pela cultura portuguesa. Julgamos que apenas uma parte desses estudantes o será e não todos, dado que, obviamente, essas mudanças ou adaptações não acontecem a todos os estudantes que estudam fora do seu país. Como afirma Jeanine Hermans e Margaret D. Pusch, os estudantes internacionais podem reagir de muitas formas no novo ambiente e é possível que alguns sintam dificuldades em compreender a cultura, os costumes locais, as regras sociais, etc. (Hermans e Pusch, 2004: 42). Aqueles estudantes que têm mais dificuldades e que têm tido poucos contactos com os nativos vivem provavelmente mais isolados na sua pequena comunidade chinesa, evitando o contacto com a cultura do país onde estudam. Assim, possivelmente esse grupo de pessoas não vai ser influenciado de uma maneira tão visível pela nova

²² Os detalhes dos resultados do grupo C mencionados neste parágrafo já estão apresentados anteriormente nas Tabelas 4 e 7, no capítulo 2.

cultura. Portanto, consideramos que nem todos os estudantes que estudam fora do seu país acabam por sofrer mudanças no seu comportamento comunicativo por influência da nova cultura, visto que a integração e a adaptação também dependem das pessoas, dos ambientes e das personalidades e também do tempo de permanência no país alheio. Isabel Maria Rijo Correia Pinto, que estudou a comunidade macaense em Portugal, conclui que aqueles que afirmam não se sentirem integrados na sociedade portuguesa são os que vivem em Portugal há menos de 5 anos; num total de 50 pessoas, houve 5 pessoas que afirmaram viver em Portugal há menos de 5 anos e que dizem sentir-se integrados, embora a maioria das pessoas que se sente integrado já esteja em Portugal há mais de 5 anos.

No caso dos nossos inquiridos do grupo C, nenhum deles vive em Portugal há mais de 5 anos, mas todos eles sabem falar português, facilitando-lhes a vida e a comunicação com os nativos, pois a comunicação com os nativos permite-lhes conhecer melhor a cultura portuguesa. De facto, esses grupos dos estudantes chineses podem realmente estabelecer uma relação próxima com os nativos mais rapidamente do que muitos chineses que vivem em Portugal há muitos anos, mas que não sabem ou sabem falar pouco português. Num programa da RTP, o documentário intitulado “Nós os chineses”, os chineses que foram entrevistados advertem que muitos chineses a viver em Portugal não falam português ou então falam apenas um pouco e alguns deles não têm muitos contactos sociais com a sociedade portuguesa nem com os nativos. Os que estão a fazer negócios em Portugal não têm oportunidade de estabelecer contactos profundos com os portugueses, além de privilegiarem conversas no âmbito quase exclusivo das trocas comerciais; outros ainda vivem principalmente inseridos na comunidade chinesa e os chineses que trabalham para os chineses, também não têm muitos contactos com os portugueses, o que dificulta a sua integração na sociedade portuguesa. No entanto, para os estudantes chineses que estudam em Portugal, a situação já é um pouco diferente, porque, apesar da permanência recente, eles têm mais oportunidades de conhecer a cultura portuguesa devido ao melhor domínio da língua e isso permite a sua integração e a sua assimilação da cultura portuguesa.

Para além disso, Ting-Toomey salienta que a adaptação dos estudantes internacionais ao novo país também tem a ver com a motivação destes, afirmando que, normalmente, as pessoas que saem dos seus países e vão para o novo país de forma voluntária têm menos problemas na adaptação do que as pessoas que o fazem involuntariamente (Ting-Toomey, 1999: 239). No caso dos nossos inquiridos, todos vieram para Portugal estudar devido aos programas de intercâmbio entre universidades da China e universidades de Portugal e a maioria deles escolheu vir para Portugal voluntariamente.

De outro ponto de vista, embora os resultados do inquérito apresentem uma semelhança entre os portugueses e os estudantes chineses em Portugal em relação a certos comportamentos comunicativos, acreditamos que muitos desses estudantes chineses não se sentem completamente integrados na sociedade portuguesa: por um lado, eles revelam comportamentos parecidos com os portugueses, mas, por outro lado, manifestam também comportamentos que permitem entrever características típicas dos chineses. Melhor dizendo, ao serem influenciados pela cultura europeia, neste caso pela cultura portuguesa, o substrato da cultura chinesa mantém-se e é visível no comportamento desses estudantes internacionais.

Nós identificámos nos estudantes chineses em Portugal características típicas dos chineses, pois, de acordo com as experiências desse grupo de estudantes nas aulas na universidade, muitas vezes, quando o professor faz uma pergunta, a primeira reação dos estudantes chineses é ficar em silêncio e, normalmente, em turmas constituídas por pessoas de nacionalidade chinesa, portuguesa e brasileira, entre outras, em face das perguntas do professor, não são os estudantes chineses que falam primeiro. Nesta situação, eles são vistos como silenciosos pelas pessoas de outras nacionalidades, o que mostra o relativo silêncio dos estudantes chineses. Porém, verificamos que, quando alguém começa a falar, os estudantes chineses também participam.

Atente-se na pergunta 11:

Pergunta 11. Das vezes que falou com estrangeiros, alguma vez aconteceu o silêncio ter afetado a comunicação?

Tabela 11. Resultados da pergunta 11.

Opções \ Respostas / Percentagem	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A. sim	8 (26.67%)	13 (43.33%)	24 (80%)
B. não	9 (30%)	14 (46.67%)	4 (13.33%)
C. não costumo falar com estrangeiros	13 (43.3%)	3 (10%)	2 (6.67%)

Segundo os resultados da pergunta 11 do nosso inquérito, para os inquiridos do grupo C é normal que o silêncio tenha afetado a comunicação entre eles e os estrangeiros, pois 80% dos inquiridos do grupo C responderam que, das vezes que falaram com estrangeiros, já lhes aconteceu alguma vez o silêncio ter afetado a comunicação. Porém, no grupo A, como quase metade dos inquiridos escolheram a opção “não costumo falar com estrangeiros”, nós não identificámos uma alta percentagem no número total de pessoas que alguma vez tenham sido afetadas pelo silêncio na comunicação com os estrangeiros, mas, mesmo assim, das 17 pessoas que tiveram a experiência de falar com estrangeiros, 8 pessoas manifestam que foram afetadas pelo silêncio (47%).

Para além disso, de acordo com as respostas às perguntas abertas do nosso inquérito, dos 30 inquiridos do grupo C, 16 inquiridos defendem que o silêncio é de ouro e a palavra é de prata, considerando que o silêncio carrega mais significado do que a palavra e que, através do silêncio, pensamos melhor. Os outros 14 inquiridos, embora estes não concordem ou não concordem totalmente com os outros, acham que falar é mais importante do que ficar em silêncio, que é preciso expressarem as suas opiniões e pensamentos e que a comunicação verbal é necessária para as pessoas comunicarem imediata e eficazmente. Ao mesmo tempo, alguns deles salientam que, em algumas situações, é preciso falarem, mas que o silêncio é igualmente importante e necessário, mostrando o nosso respeito, pois, como já referimos várias vezes, o respeito é um elemento

muito importante na cultura chinesa, influenciando os pensamentos e os comportamentos dos chineses em muitos aspetos e de muitas formas, incluindo a utilização do silêncio. Deste modo, mesmo que os chineses que estudam em Portugal deem uma certa importância à fala, eles também usam o silêncio em situações em que acham que este tem mais valor do que a palavra, por exemplo, quando querem mostrar respeito.

A este propósito, Martin Cortazzi e Lixian Jin apresentam um comentário elaborado por um tutor sobre um estudante chinês durante uma entrevista de investigação:

There are long silences and I don't know whether they are silences of understanding... or whether they are silences of misunderstanding, that he can't make a voice to show that he understands, because he doesn't. There are these long pauses and I break these pauses by saying, 'I'll say that again, just so I can be sure you've understood and if you don't understand please tell me.' So I will say it again and then and he never replies 'yes' or 'no', never. So I say again 'Did you understand?' and the reply is always a repetition of something I've just said. He never says he doesn't understand and he never says he does... He clearly understands more than we realise, but nobody is quite sure how much. (Apud Cortazzi e Jin, 1997: 81)

De facto, admitimos que aquilo que o tutor afirmou sobre esse particular estudante chinês ocorre também aos outros estudantes chineses que estudam no estrangeiro. Entrevistámos alguns inquiridos do grupo C e eles referem que, na fase inicial em que chegaram a Portugal, muitas vezes não percebiam o que os outros diziam nas comunicações interpessoais e ficavam em silêncio. Mais tarde, com o tempo e o desenvolvimento da língua portuguesa, já começaram a ficar menos vezes em silêncio: antes sentiam vergonha de dizer que não percebiam e atualmente já é normal pedirem aos outros para lhes explicarem melhor ou para repetirem o que tinham dito. Isso também indicia uma mudança nos estudantes chineses quanto ao silêncio nas comunicações

interpessoais. Ao mesmo tempo, também há alguns inquiridos que referem, mesmo tendo consciência da sua mudança, que, em certas situações, também preferem ficar em silêncio quando não percebem o que os outros dizem e que a escolha de usar o silêncio ou não depende dos interlocutores com quem estão a falar, depende do conteúdo da conversa e do grau e da quantidade das coisas que não percebem. Isso demonstra que, apesar de haver mudanças, em certas situações alguns estudantes chineses continuam a manter o seu perfil tendencialmente silencioso no que respeita às comunicações interpessoais.

Conclusão

Chegados a este momento da nossa viagem pela comparação do silêncio na comunicação interpessoal nas culturas oriental e ocidental, julgamos poder dizer que, devido às diferenças culturais existentes entre os países orientais e ocidentais, neste caso, a China e Portugal, o silêncio é utilizado e interpretado de formas diferentes pelos dois povos. No decurso deste estudo, procurámos esclarecer três questões essenciais. A primeira: como é que o silêncio é utilizado na China e em Portugal nos diferentes contextos da comunicação interpessoal? A segunda: quais são as razões que determinam os comportamentos dos chineses e dos portugueses em relação ao silêncio na comunicação? A terceira: como é que se comportam os estudantes chineses que estudam em Portugal no que diz respeito ao uso do silêncio na comunicação?

Com a análise do silêncio de uma perspetiva teórica, verificámos a existência relacional do silêncio e da palavra, como confirma Adam Jaworski: «Silence and speech complement each other on a number of planes» (Jaworski, 1993: 50) e chegámos à conclusão de que o silêncio é realmente mais importante do que as pessoas, de uma forma geral, pensam. Citado por Lídia Valadares, Smedt salienta que «a verdadeira comunicação encontra-se para lá das palavras, nessa faixa psicológica de que fala Barthes. Esse não-dito pleno de sentido» (Apud Valadares, 2012: 1).

O silêncio tem várias faces e a sua ambiguidade permite que ele se manifeste, em simultâneo, de forma positiva e negativa. Por vezes, ele funciona como um elemento comunicativo positivo, dando-nos tempo para refletir, permitindo-nos usá-lo também para exprimir os nossos pensamentos e os nossos sentimentos. Outras vezes, o silêncio pode causar mal-entendidos nos interlocutores e não só na comunicação intercultural.

Quando à investigação comparativa do silêncio nas culturas chinesa e portuguesa, verificámos que, em contextos diferentes, manifestam-se tanto as diferenças como as semelhanças em relação ao silêncio na comunicação interpessoal. No contexto social, encontramos alguma semelhança entre a cultura chinesa e a portuguesa, sendo que, tanto na sociedade chinesa como na sociedade portuguesa, as mulheres são mais silenciadas do

que os homens, por razões históricas e sociais, dado o desequilíbrio entre mulheres e homens no que toca à divisão do seu poder social, o que lhes atribui papéis diferentes na comunicação.

Por outro lado, afirmámos que, em certas situações, a diferente interpretação dos conceitos de respeito e polidez, bem como o valor que os chineses e os portugueses atribuem a esses conceitos, levam os dois povos a comportarem-se de modos diferentes. Deste modo, notamos algumas diferenças no uso e na interpretação do silêncio nos contextos familiar e académico, porque, comparada com a cultura portuguesa, a cultura chinesa valoriza sempre mais o conceito de respeito entre os superiores e os inferiores e o conceito de “*face*” entre pessoas de diferentes posições sociais. Portanto, os chineses, muitas vezes para mostrarem o respeito ou para não fazerem os outros perder a “*face*” sobretudo nos contextos familiar e académico, têm mais tendência para ficar em silêncio.

Chegamos à conclusão que, nas diferentes culturas, os povos têm maneiras diferentes de entender a educação dos filhos, o comportamento na escola, o modelo de sistema educativo e tudo isso gera comportamentos comunicativos diferentes, tanto em contexto familiar como em contexto académico, explicando-nos a razão pela qual os chineses são mais silenciosos do que os portugueses. Para além disso, ao analisarmos o silêncio em contexto académico, achámos pertinente estudar também o silêncio nas aulas das línguas estrangeiras e notámos que realmente nessas aulas podemos identificar uma maior diferença em termos do uso do silêncio pelos alunos chineses e portugueses.

Por fim, analisámos especialmente um grupo de pessoas, os estudantes chineses em Portugal, porque achámos que neles, embora em diferentes graus, há tanto marcas da cultura chinesa como da cultura portuguesa ou europeia; estes estudantes contactaram com uma cultura que não é a sua cultura materna e, durante o tempo que permanecem no estrangeiro, sofrem uma adaptação do seu pensamento e do seu comportamento. Sendo assim, este grupo de pessoas já não é, de um ponto de vista comunicativo, 100% chinês; por um lado, continuam a usar o silêncio de maneiras diferentes dos portugueses, apresentando a preferência pelo uso do silêncio em algumas situações; por outro lado, eles

também começam, em certos domínios, a ter opiniões semelhantes ou iguais aos portugueses e deixam de se manter em silêncio em algumas situações, começando a falar nos momentos em que consideram necessário falar. Consideramos que a integração das culturas ajuda as pessoas a evoluírem e, ao contactarem com culturas diferentes, vão encontrando aspetos que entendem mais certos para eles e assim vão ajustar os seus comportamentos por influência de uma outra cultura.

Se tivesse oportunidade para continuar a estudar este tema, ainda restam algumas considerações para trabalhos futuros. No capítulo III, estudámos os comportamentos comunicativos dos estudantes chineses em Portugal no que diz respeito ao silêncio, mas, por causa da escassez de provas, nomeadamente de exemplos concretos e dados específicos, não conseguimos apresentar o comportamento híbrido dos chineses de uma forma mais completa, e consideramos que há ainda muito para investigar nessa área.

Além disso, analisámos o processo da adaptação intercultural dos estudantes internacionais, neste caso, os estudantes chineses. Julgamos, pois, que o processo de adaptação dos estudantes chineses em Portugal reclama uma investigação mais aturada, permitindo a comparação do uso do silêncio, enquanto forma de comunicar, entre os chineses em Portugal e os chineses na China.

Bibliografia

Bibliografia geral:

AYDINOL, Ayşe Begüm (2013). *Understanding the international student experience*. (Dissertação do Mestrado). Ypsilanti: Eastern Michigan University.

CHEN, Guoming; CHUNG, Jensen (1999). «The “five Asian Dragons”: management behaviors and organizational communication». In SAMOVAR, Larry; E, PORTER, Richard E. (eds.). *Intercultural communication: a reader*. Belmont (CA): Wadsworth Publishing Company, pp.301-312.

CONFÚCIO (2009). *Os Analectos*. Xian: Shaanxi Normal University Publishing House.

CORTAZZI, Martin, JIN, Lixian (1997). «Communication for learning across cultures». In MCNAMARA, David, HARRIS, Robert. *Overseas students in higher education: issues in teaching and learning*. London: Routledge.

DENDRINOS, Bessie; PEDRO, Emília Ribeiro (1997). «Giving street directions: The silent role of women». In JAWORSKI, Adam (ed.). *Silence: interdisciplinary perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp.215-234.

FENG, Yakun (2012). *On the theme of silence in The Bonesetter's Daughter from the perspective of post-colonial feminism*. (Dissertação de Mestrado). Jinan (China): Universidade de Shandong.

FURNHAM, Adrian (1997). «The experience of being an overseas student». In MCNAMARA, David; HARRIS, Robert. *Overseas students in higher education: issues in teaching and learning*. London: Routledge, pp.13-29.

GILMORE, Perry (1985). «Silence and sulking: Emotional displays in the classroom». In JAWORSKI, Adam (ed.). *Silence: interdisciplinary perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp.139-162.

GU, Yueguo. (1990). «Politeness phenomena in modern Chinese». *Journal of Pragmatics* 14, 237-257.

JAWORSKI, Adam (1997). *Silence: interdisciplinary perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter.

JAWORSKI, Adam (1993). *The power of silence: social and pragmatic perspectives*. Newbury Park-London-New Delhi: Sage.

HERMANS, Jeanine; PUSCH, Margaret D. (2004). *Culture matters: an international educational perspective*. Amsterdam: EAIE.

LE BRETON, David (1999). *Do silêncio*. Lisboa: Instituto Piaget.

LEECH, Geoffrey (1997), *Principles of pragmatics*. London: Longman.

LEECH, Geoffrey. (2005, No.6 November, General Serial No. 160). «Politeness: Is there an East-West Divide?». *Journal of Foreign Languages*, p.17.

LEHTONEN, Jaakko; SAJAVAARA, Kari (1985). «The Silent Finn». In SAVILLE-TROIKE, Muriel, TANNEN Deborah (eds.). *Perspectives on silence*. Norwood (NJ): Ablex, pp.193-201.

LEHTONEN, Jaakko, SAJAVAARA, Kari (1997). «The silent Finn revisited». In JAWORSKI, Adam (ed.). *Silence: interdisciplinary perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp.263-280.

LIU, LIPING (2014, No. 6). «Reflexão e análise: “animação” e “silêncio” nas aulas de inglês no colégio». *Fórum da educação e da ciência, Educação*. Retrieved from <http://www.xzbu.com/9/view-5970348.htm>.

刘丽平 (2014). 《反思与审视：高中英语课堂的“热闹”与“沉默”》. 《教育科学论坛》，教育学. 摘自<http://www.xzbu.com/9/view-5970348.htm>.

LU, Xun (1973 [1926]). «The New Year's Sacrifice». In *Wandering*. Beijing: People's Literature Publishing House.

鲁迅(1973) [1926]. 《祝福》. 摘自《彷徨》. 北京：人民文学出版社.

ORLANDI, Eni Puccinelli (2002). *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. 5ª ed. Campinas: Unicamp.

PINTO, Isabel Maria Rijo Correia (2001). *O comportamento cultural dos macaenses perante o nascimento*. Macau : Fundação Oriente.

PONZIO, Augusto (1995). «El silencio y el callar. Entre signos y no signos». In *El juego del comunicar. Entre literatura y filosofía*. Valencia: Ediciones Episteme, pp.27-41

RODRIGUES, Isabel Cristina (2006). *A Palavra Submersa: Silêncio e Produção de Sentido em Vergílio Ferreira*. (Dissertação de Doutoramento). Aveiro: Universidade de Aveiro.

SAMOVAR, Larry A.; PORTER, Richard E.; STEFANI, Lisa A. (1997). *Communication between cultures*. Belmont (CA): Wadsworth Publishing Company.

SAUNDERS, George R. (1985). «Silence and Noise as Emotion Management Styles: An Italian Case». In SAVILLE-TROIKE, Muriel; TANNEN Deborah (eds.). *Perspectives on silence*. Norwood (NJ): Ablex, pp.165-183.

SAVILLE-TROIKE, Muriel (1985). «The place of silence in an integrated theory of communication». In SAVILLE-TROIKE, Muriel; TANNEN Deborah (eds.). *Perspectives on silence*. Norwood (NJ): Ablex, pp.3-18.

SIFIANOU, Maria (1997). «Silence and Politeness». In JAWORSKI, Adam (ed.). *Silence: interdisciplinary perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp.63-84.

TING-TOOMEY, Stella (1999). *Communicating across cultures*. New York: Guilford Press.

TANNEN, Deborah (1985). «Silence: Anything but». In SAVILLE-TROIKE, Muriel; TANNEN, Deborah. *Perspectives on silence*. Norwood (NJ): Ablex, pp.93-111.

TIAN, Junlin (s/d). «A língua também é “patriarcal”- discutir a diferença do sexo apresentada em inglês». *Jornal do Chinês, Educação da Língua Estrangeira*. In <http://sjk11.elibrary.com.cn/KCMS/detail/detail.aspx?filename=YWWY200907031&dbcode=CJFQ&dbname=CJFD2009>.

田军林 (?). 《语言也分“男尊女卑” - 谈性别差异在英语中的表现》. 《语文学刊》, 外语教育教学。摘自

<http://sjk11.elibrary.com.cn/KCMS/detail/detail.aspx?filename=YWWY200907031&dbcode=CJFQ&dbname=CJFD2009>.

VALADARES, Lúcia Caiado Batista (2012). *Incisões oblíquas em Sôbolos rios que vão de António Lobo Antunes*. (Dissertação de Mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro.

WEST, Candace; ZIMMERMAN Don. H (1975). «Sex Roles, Interruptions and Silences in Conversation». In THORNE, Barrie; HENLEY, Nancy. *Language and sex: difference and dominance*. Rowley, Mass: Newbury House Publishers, pp. 105-127.

WANG, Xuehua (2013, 20 de julho). «The questionnaire analysis research on the causes of college students' reticence in the English classroom». *Creative Education Studies*. In <http://www.hanspub.org/Journal/PaperInformation.aspx?paperID=12660>.

WU, Wenlin (2011). *An investigation of factors causing Chinese college students' silence in the foreign teacher class*. (Dissertação do Mestrado). Wuhan: Hubei University of Technology.

YANG, Ting (2009, 01 de janeiro). «As diferenças do género na linguagem e a comunicação do género misto». *Jornal do Chinês, Educação da Língua Estrangeira*, p.7. In <http://www.airitilibrary.com/Publication/alDetailedMesh?docid=a2000000-200901-2009-1-7-10-a>.

杨挺 (2009). 《语言性别差异与跨性别交际》. 《语文学刊》, 外语教育学, pp.7. 摘自 <http://www.airitilibrary.com/Publication/alDetailedMesh?docid=a2000000-200901-2009-1-7-10-a>.

SPENCER-OATEY, Helen (2008). «Face, (im)politeness and rapport». In SPENCER-OATEY, Helen (ed.). *Culturally speaking: culture, communication and politeness theory*. London: Continuum, pp.11-15.

ŽEGARAC, Vladimir (2008). «Culture and communication». In SPENCER-OATEY, Helen (ed.). *Culturally speaking: culture, communication and politeness theory*. London: Continuum, pp.48-70.

Textos literários utilizados:

ANTUNES, António Lobo (2002). *Segundo livro de crónicas*. Lisboa: Dom Quixote.

CARVALHO, Maria Judite de (1988) [1960]. 6ª edição. «A menina Arminda». In *Tanta gente, Mariana*. Mem Martins: Publicações Europa América, pp.13-54.

CARVALHO, Maria Judite de (1961). 2ª edição. «As Palavras Pougadas». In *As palavras pougadas*. Lisboa: Editora Arcádia Limitada, pp.7-88.

PEDREIRA, Maria do Rosário (2001). *O Canto do Vento nos Ciprestes*. Lisboa: Gótica.

Webgrafia:

<http://alaptla.blogspot.pt/2004/11/acho-que-ja-podia-morrer.html>, consultado no dia 8 de janeiro de 2016.

<http://www.citador.pt/frases/ha-momentos-e-situacoes-em-que-o-olhar-comunica-m-antonio-lobo-antunes-20121>, consultado no dia 15 de fevereiro de 2016.

<https://www.youtube.com/watch?v=5bWUs0YlMk4>, consultado no dia 7 de abril de 2016.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Soong_Ching-ling, consultado no dia 27 de março de 2016.

https://en.wikipedia.org/wiki/Programme_for_International_Student_Assessment, consultado no dia 5 de abril de 2016.

Anexos

1. Inquérito sobre o papel do silêncio na comunicação

Idade _____ Nacionalidade _____ Sexo: F M

Pretendemos, com este inquérito, proceder a uma análise do silêncio em diferentes situações comunicativas da cultura oriental e ocidental, pelo que agradecemos que respondam às perguntas seguintes. A sua opinião é importante para nós!

- () 1. Quando alguém lhe faz um pedido, e não consegue ajudar, o que faz?
- A. rejeito diretamente
 - B. não respondo imediatamente, penso um pouco e procuro responder de maneira mais indireta
- () 2. Quando está a falar com alguém e não quer responder à pergunta que esse alguém lhe fez, o que faz?
- A. Digo que não quero responder
 - B. não digo nada
 - C. mudo do assunto
- () 3. Quando está a falar com alguém e essa pessoa não respondeu à sua pergunta, o que sente?
- A. Não sei o que pensar
 - B. fico triste
 - C. acho uma falta de respeito
 - D. não me importo/ não me interessa
- () 4. Quando tem opiniões diferentes de pessoas superiores (os pais, patrões, etc), o que faz?
- A. expresso as minhas opiniões e discuto com eles
 - B. prefiro ouvir e falar pouco ou nada
- () 5. Em algumas situações difíceis, especialmente em relação ao relacionamento familiar, acha que o silêncio é uma estratégia para gerir as situações e controlar as emoções negativas?
- A. sim
 - B. não
 - C. na maioria das situações sim
 - D. por vezes não
- () 6. Quando os filhos não estão interessados ou fartos do que os pais falam, o que fazem?
- A. dizem aos pais que não querem ouvir
 - B. não dizem nem ouvem nada
- () 7. Quando os filhos têm problemas com os pais, o que fazem?

- A. discutem com os pais B. vão-se embora C. não dizem nada, deixam os pais falar
- () 8. Quando fez algo errado e é questionado pelos pais, o que faz?
A. admito a minha culpa B. não digo nada
- () 9. Quando tem dúvidas numa aula, o que faz?
A. pergunto ao professor B. não pergunto por ter vergonha C. pergunto ao colega do lado
- () 10. Quando acha que o professor explica algo errado na aula, o que faz?
A. discuto com os colegas e o professor na aula
B. não tenho confiança na minha ideia, não digo nada
- () 11. Das vezes que falou com estrangeiros, alguma vez aconteceu o silêncio ter afetado a comunicação?
A. sim B. não C. não costumo falar com estrangeiros

12. Concorda com a frase “A palavra é de prata e o silêncio é de ouro”? Porquê?

13. Concorda com o conselho “Ouve muito e fala pouco”? Porquê?

Muito obrigada pelas suas respostas!

“中西方沉默现象对比研究”调查问卷

年龄_____ 国籍_____ 性别：男 女

我们希望，通过这份调查问卷，在中西方文化不同语境下对沉默进行研究，我们诚挚地感谢您能够回答以下的问题。您的答案对我们十分重要！

- () 1. 当别人向你提出一个请求，你不能满足对方请求时，你会？
A. 直接拒绝 B. 沉默片刻，考虑如何使用含蓄的方式来回答对方
- () 2. 当你与别人交谈时，如果你不愿意回答一个问题，你会？
A. 直接表明不想回答 B. 不说话不作答 C. 转移话题
- () 3. 当你与他人交流时，他人没有回答你的问题，你有什么感觉？
A. 不知道他在想什么 B. 失落 C. 觉得没有受到对方的尊重 D. 无所谓
- () 4. 在你跟你的长辈或上级交谈时，你们的意见不一致，你会？
A. 提出自己的看法与之讨论 B. 不说话，或尽量多倾听少说话
- () 5. 在一些比较棘手的情况，尤其在处理与家人的关系过程中，你是否认为沉默是一种有效控制局面以及个人负面情绪的策略？
是 B. 不是 C. 大多数情况下是 D. 有些时候不是
- () 6. 当小孩对父母的问话不感兴趣或厌烦时，你认为小孩们会？
A. 置之不理 B. 直接表示不想听
- () 7. 当小孩与父母发生矛盾时，你认为小孩会怎么做？
A. 与父母争吵 B. 走开 C. 不说话，任父母唠叨
- () 8. 当你做错事遭到父母拷问时，你会
A. 主动承认错误 B. 沉默不作答
- () 9. 课堂上，当你对老师的讲解产生疑问时，你会？

- A. 举手提问 B. 不好意思提问，继续听课 C. 问同桌

() 10. 课堂上，当你认为老师的讲解出现错误时，你会？

- A. 当堂提出，与老师和同学共同讨论 B. 对自己的想法没有信心，保持沉默

() 11. 你在与外国人的交流中，你是否遇到过因沉默而影响交流的情况？

- A. 是 B. 否 C. 我不习惯与外国人交流

12. 你是否赞同“沉默是金，语言是银”这句话，为什么？

13. 你是否赞同“多听寡言”，为什么？

感谢您的配合！

2. Resultados do inquérito

P.S.: as pessoas que responderam o inquérito são divididas em três grupos:

- A) Os alunos universitários chineses, que nunca saíram da China por motivos de estudar, trabalhar, e não viveram nos países ocidentais por algum tempo.
- B) Os portugueses, a maioria deles é alunos da UA.
- C) Os alunos chineses que estão a estudar em Portugal por mais de dois anos.

Cada grupo é constituído por 30 pessoas, ou seja, cada grupo tem 30 respostas.

1. Quando alguém lhe faz um pedido, e não consegue ajudar, o que faz?

C. rejeito diretamente

D. não respondo imediatamente, penso um pouco e procuro responder de maneira mais

indireta

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A.	4 (13.33%)	11 (36.67%)	8 (26.67%)
B	26 (86.67%)	19 (63.33%)	22 (73.33%)

2. Quando está a falar com alguém e não quer responder à pergunta que esse alguém lhe fez, o que faz?

A. Digo que não quero responder B. não digo nada C. mudo do assunto

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	5 (16.67%)	15 (50%)	11 (36.67%)
B	7 (23.33%)	6 (20%)	5 (16.67%)
C	18 (60%)	9 (30%)	14 (46.67%)

3. Quando está a falar com alguém e essa pessoa não respondeu à sua pergunta, o que sente?

- B. Não sei o que pensar B. fico triste C. acho uma falta de respeito D. não me importo/ não me interessa

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	3 (10%)	13 (43.33%)	10 (33.33%)
B	3 (10%)	3 (10%)	5 (16.67%)
C	19 (63.33%)	10 (33.33%)	8 (26.67%)
D	5 (16.67%)	4 (13.33%)	7 (23.33%)

4. Quando tem opiniões diferentes de pessoas superiores (os pais, patrões, etc), o que faz?

- C. expresso as minhas opiniões e discuto com eles
D. prefiro ouvir e falar pouco ou nada

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	12 (40%)	24 (80%)	20 (66.67%)
B	18 (60%)	6 (20%)	10 (33.33%)

5. Em algumas situações difíceis, especialmente em relação ao relacionamento familiar, acha que o silêncio é uma estratégia para gerir as situações e controlar as emoções negativas?

A. sim B. não C. na maioria das situações sim D. por vezes não

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	4 (13.33%)	6 (20%)	4 (13.33%)
B	7 (23.33%)	4 (13.33%)	3 (10%)
C	9 (30%)	13 (43.33%)	15 (50%)
D	10 (33.33%)	7 (23.33%)	8 (26.67%)

6. Quando os filhos não estão interessados ou fartos do que os pais falam, o que fazem?

A. dizem aos pais que não querem ouvir B. não dizem nem ouvem nada

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	13 (43.33%)	15 (50%)	11 (36.67%)
B	17 (56.67%)	15 (50%)	19 (63.33%)

7. Quando os filhos têm problemas com os pais, o que fazem?

A. discutem com os pais B. vão-se embora C. não dizem nada, deixam os pais falar

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	7 (23.33%)	17 (56.67%)	21 (70%)
B	6 (20%)	2 (6.67%)	2 (6.67%)
C	17 (56.67%)	11 (36.67%)	7 (23.33%)

8. Quando fez algo errado e é questionado pelos pais, o que faz?

A. admito a minha culpa B. não digo nada

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	16 (53.33%)	25 (83.33%)	23 (76.67%)
B	14 (46.67%)	5 (16.67%)	7 (23.33%)

9. Quando tem dúvidas numa aula, o que faz?

B. pergunto ao professor B. não pergunto por ter vergonha C. pergunto ao colega do lado

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	4 (13.33%)	16 (53.33%)	7 (23.33%)
B	7 (23.33%)	1 (3.33%)	3 (10%)
C	19 (63.33%)	13 (43.33%)	20 (66.67%)

10. Quando acha que o professor explica algo errado na aula, o que faz?

C. discuto com os colegas e o professor na aula

D. não tenho confiança na minha ideia, não digo nada

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	7 (23.33%)	20 (66.67%)	19 (63.33%)
B	23 (76.67%)	10 (33.33%)	11 (36.67%)

11. Das vezes que falou com estrangeiros, alguma vez aconteceu o silêncio ter afetado a comunicação?

A. sim B. não C. não costumo falar com estrangeiros

Resposta/ Percentagem Opções	Grupo A	Grupo B	Grupo C
A	8 (26.67%)	13 (43.33%)	24 (80%)
B	9 (30%)	14 (46.67%)	4 (13.33%)
C	13 (43.33%)	3 (10%)	2 (6.67%)